

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

**PUTA HÍBRIDA OU A LENDA DA GAROTA DO PAU
BRASIL: escritos sobre artivismos de um corpo
dissidente enquanto potência**

Tita Maravilha Moreira de Mélo

BRASÍLIA

2018

Tita Maravilha Moreira de Mélo

**PUTA HÍBRIDA OU A LENDA DA GAROTA DO PAU
BRASIL: escritos sobre ativismos de um corpo
dissidente enquanto potência**

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito integrante do processo avaliativo para obtenção do título de bacharel em Artes Cênicas.
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Hartmann

Banca examinadora:

Profa. Mestra Mariana Ramos Soüb de Seixas Brites

Profa. Mestra Cyntia Carla Cunha Santos

AGRADECIMENTOS

Dedico essa monografia a todas as mulheres da minha família, que de geração em geração a gente possa ganhar força para viver plenamente sem culpa e sem medo gerando sabedoria e transformação. Especialmente minha mãe Telma, guerreira, linda e livre. Minha vó Irani e vó Nélia, as coisas mais preciosas. Minha madrastra Chandalla, sensível e abusada.

A todes as pessoas trans que enfrentam todas as dificuldades e delícias de ter/ser um corpo dissidente, nós enquanto corpo estranho e desviante transformaremos todas nossas tristezas e dores em potência.

À todas as travestis. A deusa é travesti.

À todas artistas LGBTI+ Não bináries, caminhando sempre juntas. O mundo é nosso.

A todas as mulheres Latino Americanas. Mulher como amplidão. A todas minhas amigas. Às inimigas do fim. Às putas. A todas piranhas românticas.

A todes artistas mais insanas que resistem. Que com o fogo do nosso cu queimaremos o sistema.

À banda *Cantigas Boleráveis*, que me ensinou o poder do coletivo. Um salve para esse grupo generoso e transformador que abalou e vem abalando o sistema da arte contemporânea em Brasília. Grupo onde comecei a experimentar minha transição. Muito axé, piscina, bolero, farofa, catuaba, cigarros, união, etc... para continuarmos vivas, cantantes, dançantes e gargalhantes. Que universo nos reserve o melhor. Amo vocês.

À minha parceira Íris Marwell e ao projeto *Rainhas do Babado*, canal que temos utilizado através da música para responder às violências que sofremos enquanto mulheres. Nós somos faca afiada, potência dobrada, é nois miga.

Ao coletivo *Culto das Malditas* que me ensina muito sobre nossos corpos enquanto potência. Somos estrela, oceano, etc... Manas amo vocês. Com as labaredas dos nossos cus queimaremos o patriarcado, o racismo, transfobia, etc...Enfim, a todes que resistem ao golpe de estado, aos golpes diários, etc... Que todos corpos negados, estigmatizados e violentados reajam. Só queremos o que é nosso.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo inicial, enquanto narrativa poética-política fazer um traçado autobiográfico refletindo na minha produção enquanto artista trans. Traçarei algumas relações pensando identidades de gênero e sexualidades no Brasil e América Latina numa perspectiva decolonial e suas relações nos tempos atuais. Pensarei performance a partir das minhas cicatrizes e a partir de considerações sobre esse corpo dissidente enquanto potência. Performance pensada entre sonho e realidade, entre as fantasias da arte contemporânea e questões de sobrevivência: *Putá Híbrida*. Essa é uma história de resistência que tem como objetivo criar uma narrativa que quase me salva, para mostrar que estou viva e plena, no intuito de criar possibilidades de contato a partir da arte trans. Mas não estou sozinha, esse texto fala por várias. Minha voz ecoa, meu corpo grita.

Palavras chave: Identidades de gênero; Artista Trans; Ativismo; Performance; Corpo Político.

Imagens/montagem 1.



A "identidade de gênero" passa a ser denominada também poesia de gênero, abrindo porosidades das membranas liminares entre corpo e sensibilidade. As escritas de gênero ocupando os territórios movediços da literatura expandida(...)

Traveco-terrorismo: terrorismo-saber bélico-poético, político-prostético, ético-hormonal, perspectivo-travesti, tupi-viado, trans-decolonialista, trans-antropofágico, autonomista-autoetnográfico, trava-contramachista, contato-transfilosofia, teoria-putaria. Em tríplice aliança, nossa bomba de efeito moral: corpo-desconformidade-protesto. Para além das construções de vestes, de gênero e de sexo.

(Terluliana Lustosa, Manifesto traveco-terrorista, 2016)

LISTA DE IMAGENS

Imagem/montagem 1. (Página 5) Colagem a partir de três fotos. A foto do canto superior direito (onde eu estou de sutiã com um maço de cigarro escrito *sufrimento*) é de Daniel Fama. A foto do lado superior à esquerda (luva vermelha e facão) é de Rosa Luz. E a foto do lado inferior esquerdo (eu e a arma de plástico), do meu acervo pessoal de fotos de webcam.

Imagens 2. *Eu, criança viada de poder.* Montagem/arte/truque: Iêda Figueiró ou Figueira Infinita.

Imagem 3. Performance realizada por Tita Mélo e Victória Carballar, no evento "FRRrk night" sobre corpos freaks. Fotografia Gabi Cerqueira.

Imagem 4. Cena do espetáculo da disciplina *Diplomação 1 cinema pelado*, inspirada na personagem Dawn interpretada por Divine no Filme "Femalle Trouble" de John Waters. Foto de Isabela Andrade.

Imagem 5. Imagem 5. Personagem/atriz Tita no espetáculo *Central zona*, uma novela musical de Cantigas Boleráveis. Foto de Humberto Araújo.

Imagem 6: *Pirenópolis Alagada, travesti das águas, pororoca, ou a arte saliva.* Fotoperformance/montagem/ truque: Iêda Figueiró.

Imagem 7. *Meu corpo é uma festa que quer dançar em outras festas ou Pirenopolinda como destradição.* Fotoperformance/montagem/ truque: Iêda Figueiró.

Imagem 8 e 9. Performance *Putá Híbrida*. 2018. Fotografia: Joaquim Lima.

Imagem 10. Na fotografia eu e minha avó Nélia. Foto: João Stoppa.

Imagens/montagem 11. Colagem a partir de acervo pessoas: Fotos: Jajá Rolim.

Imagem 12, 13 e 14. Fotos da performance *todo dia é dia de ser latina*. Fotografias de Nathalia Azoubel.

Imagem 15 e 16: Fotos da performance *Travesty e poesia*. Fotos Nathalia Azoubel

Imagens 17, 18 e 19. Fotos da performance: *Tita: Travesti Pirenopolinda em Processos de reatradicionalização: sagrada e profana*. Fotografias: Sílvia Patrícia

Imagens 20, 21 e 22. Imagens relacionadas ao *Ocupa Drag*, no *ocupa Minc 2017*. Fotos Mídia Ninja Brasília. Aparecem nas fotos Medro Pesquita, Caleba Brasil, Breno Uriel, Chicu França, Raphael Bauduzzi, Iago Gabriel e Jajá Rolim.

Imagem 23. *Do lixo ao luxo ou ao contrário*. Foto Paula Rafiza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7

CAPITULO 1

- 1.1- TRAJETÓRIAS DA MONSTRA, TRANS-AÇÕES DE UMA GOIANA DEGENERADA, OU APENAS VIDA REAL DE UMA TRAVESTI ATRIZ VIVENDO EM BRASÍLIA.....9
- 1.2- QUE TIPO DE TITA? BREVES NOTAS SOBRE O NOME QUE EXISTE EM MIM.....14

CAPÍTULO 2

- 2.1- CONTEXTOS HISTÓRICOS. DECOLONIZAR PINDORAMA OU A FERIDA COLONIAL AINDA SANGRA.....19
- 2.2- A LENDA DA GAROTA DO PAU BRASIL.....29
- 2.3- SAGRADA E PROFANA: NOTAS SOBRE TRADICIONALISMOS OU COMO TRAUMATIZAR AS TRADIÇÕES31

CAPÍTULO 3

- 3.1- PUTA HÍBRIDA: CORPO POLÍTICO, MERCADOS DE ARTE, SOBREVIVÊNCIA.....38
- 3.2- PERFORMANCE: CORPO ENQUANTO POTÊNCIA. MOSTRANDO QUE ESTOU VIVA, BORRANDO FRONTEIRAS OU TÓPICOS DE UMA ARTISTA DIVERGENTE.....44
- 3.3- PERFORMANCE ENQUANTO POTÊNCIA COMBATIVA. O MUNDO ENQUANTO PERFORMAN-CIS EU PERFODA-SE. GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. TEORIAS QUEER, CUIR, KUIR, ETC..... 51
- 3.4- MINHAS PERFORMANCES.....57

(IN)CONCLUSÕES. SONHOS. VIDA QUE SEGUE.....71

BIBLIOGRAFIA.....73

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo inicial, enquanto narrativa poética/política, fazer um traçado autobiográfico refletindo sobre a minha produção enquanto ativista trans. Traçarei algumas relações pensando identidades de gênero e sexualidades no Brasil e América Latina em uma perspectiva decolonial¹ e suas relações nos tempos atuais. A partir das minhas cicatrizes, com considerações sobre esse corpo dissonante enquanto potência, e é aí que entra a performance². Performance pensada entre sonho e realidade, entre as fantasias da arte contemporânea e questões de sobrevivência: *Putá Híbrida*. Trago ainda enquanto objetivo criar uma narrativa que me salva, para mostrar que estou viva, no intuito de criar possibilidades de contato a partir da arte trans. Meu corpo grita.

Minhas principais referências para esse trabalho são artistas que desafiam e desafiaram as ideias de identidades de gênero e sexualidades no Brasil e América Latina. Na ideia de corpo-coletivo me inspiro principalmente em artistas-ativistas trans, que me ajudam cada vez mais a construir a nossa vivência e narrativa em nossos olhares, transformados e contados a partir de nossos mais plenos desejos enquanto seres diversos. Para me conectar nessa narrativa conversarei com Hija de Perra, Jota Mombaça, Guillermo Gómez-Peña e Culto das Malditas. As(os) trago como parceiros de crime.

Meus processos metodológicos para essa narrativa procedem a partir da minha experiência de estar viva, a vida e a arte se misturam enquanto existo. A performance a partir das minhas cicatrizes, criando a partir de minha autobiografia artística uma possibilidade de potência e transformação, num processo de auto cura.

Trago enquanto metodologia de escrita a abrigação das cicatrizes para análise, o caos, a situação política do país, meu país meu lugar de fala³, meu corpo dissidente em palavras. Trago essa narrativa numa escrita performática.

¹ Reconhecendo o termo *decolonial* como um uma proposta de teoria e movimento político que visa tratar do diálogo e produção dos povos colonizados protagonizando sua história, nessa monografia utilizo esse termo baseado na leitura de Jota Mombaça (2016), Tertuliana Lustosa (2016) e Viviane Vergueiro (2015), três escritoras trans brasileiras contemporâneas.

² Para esse trabalho usarei como parceria teórica para tratar de Performance a partir dos conceitos de Renato Cohen (2002), Maria Beatriz de Medeiros (2005) e Guillermo Gómez-Peña (2005).

³ Trecho da música *O que se cala* de Elza Soares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ>.

No primeiro capítulo trarei, em dois tópicos, pinceladas sobre algumas trajetórias que me constroem enquanto ser humano, enquanto mulher travesti, enquanto artista, etc..... Trarei também breves notas sobre o nome que se coloca em mim.

A narrativa começa a misturar vida e arte, começamos a borrar fronteiras.

O segundo capítulo é voltado para uma análise relacionada a história das identidades de gênero e sexualidades no Brasil e América Latina. Nesse capítulo trago a ideia de um pensamento que tenta abandonar velhos costumes de colonizador. Estarei na busca de decolonizar, desordem e processo ou golpe em processo. Meu corpo enquanto livre desejo depois que colonizado tentam domar meu carnaval. Esse capítulo é sobre como a história relacionada à colonização me afeta diretamente, ou a ferida colonial ainda sangra. Nesse capítulo jogo no mundo um texto/performance/manifesto intitulado *A lenda da garota do pau Brasil*. E ainda a partir desse assunto, através das minhas questões mais latentes, entender um pouco a ideia de “tradição” que às vezes se coloca por aí, e a partir dela, pensaremos que quando tradição vira concreto, destradição. Contribuirei com notas sobre tradicionalismos ou como traumatizar as tradições.

No terceiro capítulo transito numa perspectiva de entender meu corpo na arte, no mercado de arte contemporânea, etc... Volto meu pensamento para pensar minha trajetória na arte enquanto performer de mãos cheias e bolsos vazios. Pensar durante essa trajetória enquanto corpo negado os meus lugares de pertencimento. Introduzirei então nesse capítulo o conceito de *Putá Híbrida* relativo ao meu trabalho no mercado de arte contemporânea e como ela se constrói de forma híbrida. Introduzirei questões relativas à performance enquanto linguagem e performance enquanto potência combativa a partir das teorias queer, CUir, etc...

E enquanto proposta de visualização dessa narrativa/oceano como um todo, trarei quatro de minhas performances, algumas fotos/montagens, desejos de transformação e poesia.

Tudo isso enquanto oceano. Nunca enquanto parede.

Sempre enquanto inventadora de universos.

CAPÍTULO 1

1.1 TRAJETÓRIAS DA MONSTRA, TRANS-AÇÕES DE UMA GOIANA DEGENERADA, OU APENAS VIDA REAL DE UMA TRAVESTI ATRIZ VIVENDO EM BRASÍLIA

Parece que sou o mundo, já que o vejo daqui da minha perspectiva. Se eu fosse outra, não seria eu e me parece que o mundo seria outro. Preciso estar conectada ao meu olhar e a minha trajetória que têm me feito. Essas estradas e andanças entre o pôr e o nascer do sol e entre secas e chuvosas estações, entre Brasília e Goiás, que para mim parece a mesma coisa, entre ser atriz e performer, entre o rosa e o azul, entre a cruz e a espada, entre ser e não ser, etc...

Pois pronto. Aprendi muito sobre ser e estar “entre”. Entre uma coisa e outra fui achando meus lugares de amor. Também quero viver de amor e não vou esperar outras encarnações para ser feliz, quero agora. Essa felicidade parece estar ligada a tantas coisas e parece ser tão difícil na busca, mas tão simples na gargalhada.

Minha mãe, certa vez numa viagem há mais ou menos 4 anos atrás, tomando uma cerveja, me relembra uma história que me diz muito sobre essa minha perspectiva de estar viva, e não só de estar viva como de ser uma força, uma força destinada à arte de TRANSformação dos lugares onde TRANSito. Ela me contou que, quando estava grávida de mim, numa época em que no nosso bairro em Pirenópolis estava cheio de ciganos que escolheram esse lugar para passar um tempo, onde minha avó já havia alertado para que ninguém na casa abrisse a porta nem mantivesse contato com nenhum deles, minha avó pensava como a maioria das pessoas da cidade que tinham muitos preconceitos sobre essas “figuras” que ali estavam.

Minha mãe conta que uma vez certa cigana parou na porta de casa e disse que queria entrar e conversar com as pessoas que ali estavam, no caso minha mãe e minha tia. Minha mãe tomada pelo medo disse que não podia, mas a cigana insistiu e disse que tinha grandes revelações sobre essa gravidez.

Minha mãe cedeu e a cigana entrou em casa. Ela já avisou que teria um custo essas revelações, mas não avisou quanto ou o que seria.

A cigana disse para a minha mãe que esse filhox que ela estava esperando não seria nada do que ela imaginava. Mas que seria uma pessoa transformadora nos lugares que passar.

Logo pediu algo em troca, minha mãe disse que ela olhou direto na panela de ferro que minha avó amava fazer feijão e disse que queria aquilo. Minha mãe deu a panela. Minha avó passou anos brigando com minha mãe.

Sempre penso nessa história, na minha relação com as mulheres da minha família, na minha relação com as ciganas e enfim em o quê aquela cigana previu sobre a minha pessoa naquele momento. Previu que eu seria “diferente”. Mas diferente em que sentido? Sendo que sou tão ser humana e parece que sinto tudo tão igual às outras pessoas.

Mas minha trajetória vai me ensinando aos poucos sobre ser “diferente”. Na infância e adolescência eu apenas me percebia como “diferente” mas ficava entre me sentir bem com isso e estar ferida. A monstra começa a perceber que poderia viver com isso, começa a reivindicar o direito de existir em mim.

Eu, pobre mortal, equidistante de tudo(...) eu, primeiro filho da mãe em que depois me tornei; eu, velha aluna dessa escola dos suplícios, amazona do meu desejo; eu, cadela no cio do meu sonho vermelho: eu reivindico o meu direito a ser um monstro. Nem homem, nem mulher, nem XXY ou H2o. Eu, monstro do meu desejo, carne de cada uma das minhas pinceladas, tela azul do meu corpo, pintora do meu caminho. Eu não quero mais títulos para carregar, eu não quero mais cargos nem armários onde me encaixar, nem o justo nome que me reserve nenhuma Ciência. Eu, borboleta alheia à modernidade, a pós-modernidade, à normalidade, oblíqua, vesga, silvestre, artesanal. Poeta da barbárie com o hùmus do meu cantar, com o arco-íris do meu cantar, com o meu esvoaçar: (...)

Eu: trans... pirada, molhada, nauseabunda, germe da aurora encantada, a que não pede mais permissão e está raivosa de luzes maias, luzes épicas, luzes párias, Marias Madalenas menstruadas, bizarras. Sem bíblias, sem tábuas, sem geografias, sem nada! Só o meu direito vital a ser um monstro, ou como me chame, ou como me saia, como me permita o desejo e a fuckin' gana! O meu direito a explorar-me, a reinventar-me, fazer da minha mutação o meu nobre exercício, veranear-me, outonar-me, invernar-me, as hormonas, as ideias, o cú e toda a alma.

(SCHOCK; trad.:MARTINEZ, 2016, online)

Hoje revivo memórias dessa infância super conectadas à terra, às frutas da época, às minhas avós, ao catolicismo, ao Rio das Almas (rio que corta

Pirenópolis), à televisão, etc... Essas memórias mescladas à confusas memórias de ícones que já me levavam para um mundo do desconhecido mundo do “diferente”. Lembro-me das boas vibrações que sentia quando na televisão apareciam Vera Verão, Lacraia, Elke Maravilha, Léo Áquila, Erick Barreto, entre outros artistas que faziam parte do meu fascínio televisivo. E no fundo não sabia o porquê dessa identificação, até porque precisava conter minha admiração ao vê-las, porque sempre assistia aos programas de televisão em família, e porque esses artistas mesmo que “aceitos” nesse espaço eram vistos como “diferentes”, “estranhos”, “exóticos” e eram tidos como puro entretenimento para a diversão de todos. Lembro especialmente de Vera Verão, personagem na época chamada transformista, interpretado pelo ator Jorge Lafond no programa “A praça é nossa”, e me lembro da tristeza que senti quando ela faleceu, lembro de acompanhar as notícias sobre a morte e o enterro dela durante todo um domingo. E até hoje vivo e sonho com as performances de Léo Áquila e principalmente Erick Barreto, dois na época chamados “transformistas” que conheci no show de talentos do Sílvio Santos aos domingos.

Vivo e morro pela performance, dentre outras, de Carmen Miranda que Erick Barreto apresentou no primeiro programa que participou.⁴ Lembro também especialmente que o Sílvio Santos sempre perguntava o nome da “personagem” e logo depois o nome social masculino de todas, pra fortalecer a ideia de que existe uma fronteira entre a identidade de gênero e o produto artístico realizado ali, reduzindo várias identidades possíveis a uma só. Desde essa época, mesmo que sem entender direito, já sentia que tinha algo de estranho nisso. Por mais “lógico” que parecesse que eles fossem “homens” interpretando “mulheres” eu já entendia que existia um “entre” aí. Já conseguia de alguma forma ver um “trânsito”, algo que realmente poderia ser aprofundado, que não se travava de questões tão óbvias. Para mim esses momentos me faziam enxergar as Deusas, eu achava perfeita essa possibilidade de transformação.

Aos 12 anos fui morar em Portugal e lá morei durante quatro anos. Enquanto minha mãe trabalhava muito eu estudava. Aos 14 anos fui estudar na

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=Mdd_Znx5N-s&t=133s

Link do vídeo que traz a performance mencionada de Erick Barreto no programa do Sílvio Santos

Escola Profissional de Teatro de Cascais, e nesse momento muita coisa começou a se TRANSformar de uma forma mais efervescente e rápida. O teatro foi me abrindo portas para que eu começasse a entender quem eu era naquele momento, mas mais que isso, que eu poderia ser várias, vários e transitar. Nessa época, nessa escola, mesmo sem entender direito, acompanhei certo momento da transição de um amigo homem trans que abandonou a escola sem a gente da turma entender bem os motivos e só depois de um tempo apareceu assumindo sua identidade masculina.

A cigana estava certa. Eu realmente me identificava e me sentia bem dentre os “diferentes”. A arte começara ali a me tirar do armário. Chamo de armário pois era esse lugar onde eu ainda podia me esconder de mim mesma para tentar ser o que a sociedade esperava.

Quando vim para Brasília, vim no intuito de cursar artes cênicas na UnB, já pensando sobre o quanto isso iria transformar em mim. Mas ainda não entendia a dimensão de liberdade que esse lugar me propôs. Foi finalmente aqui que pude encontrar outros muitos, muitas, etc... “diferentes” e assim me sentir um pouco mais “igual”.

Fui percebendo esse corpo durante toda a trajetória desses cinco anos de UnB. De certa forma dei pulos de consciência e libertação que me fizeram quer quem sou hoje. Sempre em transformação. Essa pessoa que chega do interior de Goiás com sua bagagem específica esse corpo andrógino de alma feminina quando encontra a possibilidade de ver a arte transformando e banhando com suas águas calmas depois de uma tormenta me fez pensar e entender que esse corpo em processo é a própria revolução, explosão, erupção, etc... Minha revolução. Parar de pensar tanto em como sou específica e pensar mais no mundo que é cheio e cada vez mais lotada de gente, que cada um na sua história, cada história com suas especificidades, e um pouco “igual”, um pouco “diferente” e segue o baile. Transformação. Já que sou assim, sei que sou. Antes apenas “diferente”, hoje me coloco em palavras. É difícil dizer o que sou porque sou tantas, tanta coisa. Mas o mundo é cheio de palavras e as coisas precisam de nomes, e também entendo que num processo de empoderamento enquanto corpo negado pela sociedade é preciso que nos organizemos e consigamos

combater com políticas públicas, sinto que preciso me colocar. Peço licença para dizer quem sou eu.

Eu estou mais para perdida. Sou perdida. Sou cachoeira. Sou Maria mãe de Deus, sou minha tiavó Mariíinha. Sou Pirenopolina-Pirenopolinda nascida em Anápolis. Sou passional. Queria ser uma manga madura, mas sou salada de sentimentos. Sou todas as minhas amigas e minha mãe. Sou minhas irmãs e minhas avós. Sou obcecada por drama. Sou sertaneja. Sou Greco-Goiana. Sou pisciana. Sou atriz, cantora, performer de mão cheia e de bolsos vazios. Tenho 1.72 de altura, 60 quilos, cabelo comprido e liso, atualmente cortado de franja, tenho pele morena cor de jambo, não branca, algumas tatuagens espalhadas pelo corpo. Sou bem garota, meus seios ainda vão crescer. Não estou depilada. Sou travesti. Mulher de pau. Tenho local. Ahh, meu nome é Tita Maravilha (Matita) trans Amazônica Moreira Mélo.



Imagem 2.

Na montagem: eu, criança viada de poder.
Montagem/arte/truque: Iêda Figueiró-Figueira Infinita⁵

⁵ Iêda Figueiró-Figueira Infinita é uma mana trans, artista híbrida e antropóloga de Brasília para o mundo, que vai me ajudar com imagens e piras visuais. Enquanto amiga e colega de assalto.

1.2 QUE TIPO DE TITA? BREVES NOTAS SOBRE O NOME QUE EXISTE EM MIM

Eu enquanto travesti artista sinto uma necessidade de transformação latente que me arde e me machuca diariamente. Enquanto vou abandonando e queimando esse armário nessa trajetória pela UnB, percebo cada vez mais minhas atitudes diárias se afastando de espaços e reflexões normativas. Convivendo e abrindo o olho para uma verdadeira “diversidade” percebo que esse termo só abre cada vez mais e mais perspectivas relacionadas ao que essa palavra tenta trazer. O buraco é mais embaixo, ou muito mais em cima. Nesse buraco moram tantas monstras que poderiam ser ajudadas quando entendido que nem tudo precisa ser “entendido”. Algumas coisas são como são, e temos sempre que estar abertos as diferenças para desmistificar a existência dessas “monstras” que moram no buraco há séculos. Eu penso que meu trabalho enquanto artista é libertar essas monstras.

Nas performances que realizo pela cidade sempre tenho colocado justamente essas questões mais vigentes e que regem minha existência. Quando saio de casa logo percebo os olhares de deslumbre, susto, choque e desejo que a minha figura causa por aí. Já aprendi a andar comigo mesma, essa é a armadura que a “Deusa” me deu. Essa armadura foi feita para guerrilha. Meu corpo minha proteção. Na rua jogam pedras e nos palcos flores e também bosta. Meu corpo meu templo. Minha memória. Meu corpo é resistência. Por mim e por todas. No País que mais mata transexuais no mundo preciso agir.

Como?



Imagem 3.
Performance realizada por Tita Mélo e Vitória Carballar, no evento "FRRrk night" sobre corpos freaks. Fotografia Gabi Cerqueira.

Meu corpo é micro(macro)política. Eu no mercado, eu na rodoviária, eu na universidade, eu numa festa de família, eu onde for. Minha performance vem gritar e exigir que me deixem em paz. É conscientização. Eu não consigo fugir disso, eu não fujo do meu corpo, eu não consigo me afastar de mim. “Tu não te moves de ti”⁶. Não quero viver para lutar por questões óbvias. Quero ser respeitada pelo que sou, e muito como quem não quer nada, é simples, quero ser respeitada pela identidade de gênero que me identifico.

No espetáculo que meu grupo *Cantigas Boleráveis*⁷ apresentou no evento chamado *Teatro Bar*, no mês de maio de 2017 criamos uma novela musical intitulada *Central Zona*, onde num espaço de criação colaborativo fomos encaixando nossas personagens a partir da nossa essência enquanto pessoas Latino Americanas Afro-indígenas com atitudes afronte e pensamento descolizado, anti-hierárquico, contra sistêmico e indignados pelo golpe de estado que vivemos. Pensando a partir das fronteiras, que fronteiras imaginárias nos fazem pensar que tem algo nos dividindo?

Foi simples e orgânico como foi se encaixando. Foi a primeira vez que me coloquei como Tita. Aquela “personagem” era eu. Coloquei nela todas as minhas frustrações e sonhos. Me assumi em público me colocando com a palavra “travesti” e pude ali expressar um pouco do que é estar nessa pele.

Penso também, que a primeira vez que me coloquei numa sala de aula na UnB com esse nome foi recente, foi na primeira semana da disciplina de Diplomação 2, última disciplina da grade de obrigatórias do Bacharelado, no início de 2017. Isso para me fazer caminhar. Processo é processo. E eu caminho sempre atenta aos sinais de mudança. A qualquer momento viro borboleta, ou como pretendo, quero morar numa manga madura e esquecer tudo isso.

Agora reflito sobre as semelhanças de discurso, conceito, execução estética e performance da personagem que fiz no espetáculo *Central zona*, e a

⁶ “*Tu não te moves de ti*” é um livro de prosa de Hilda Hilst

⁷ *Cantigas Boleráveis* é uma banda performática brasileira feita para colorir de romance qualquer concreto ainda cinza. *Cantigas Boleráveis* surgiu no ano de 2013 no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, na qual eu faço parte desde o início. Um hibridismo de teatro, música, dança, performance, etc.... pensados a partir do bolero, tango, samba, brega, etc...

que vivi em *Cinema Pelado* na disciplina Diplomação 2.

Em *Cinema Pelado*, eu fazia uma cena inspirada na Divine⁸ interpretando Dawn, do filme *Female trouble* dirigido por John Waters. A personagem entra no teatro para apresentar seu número ensaiado, planejado e esperado há tanto. Ela faz de tudo para aparecer. Exacerba sua beleza exótica, esdrúxula e não aceita socialmente, e é venerada.

Em contradição ao que acontece nos grandes sistemas de mídia por aí, onde essa figura poderia ser facilmente encaixada como perversa e demoníaca aqui ela é ovacionada e aplaudida. E enquanto devaneia e aponta a arma para o público e com excitação de viver fala (texto inspirado na cena original do filme, adaptado para uma aproximação com o meu mundo, antropofagicamente traduzido):

Vocês vieram ter uma noite fenomenal e é exatamente isso que vocês vão ter. Amanhã eu estarei nas capas de todos os jornais dessa cidade. Vocês estão olhando para a escolhida de Deus. E eu francamente amo Bacon. Eu corto meu cabelo com uma faquinha de serra. Eu trouxe a arma que matou Castelo Branco. Eu tive um caso com Divine. Eu explodi o Sílvio Santos. E eu tô me sentindo tão maravilhosa que não tô conseguindo me segurar.

Penso nas semelhanças. As duas sedentas de revolta e vingança. Dois corpos sugados e cuspidos pela mídia e pela fama, corpos “exóticos”, porém frustrados pelo lugar no qual são encaixadas e estereotipadas. Duas travestis de arma na mão apontada para a cara do inimigo, o opressor. Enfim, elas são a mesma e eu sou elas. E como diz no grito de empoderamento “As gay, as bi, as trans e as sapatão tão tudo organizada para fazer revolução”.

⁸ Divine era atriz/ator e cantora/cantor norte-americana, também conhecido com o nome de nascimento Harris Glenn Milstead. Sua fama firmou-se, basicamente, por atuar na maioria dos filmes de John Waters, amigo de infância, no papel principal-ou um dos principais- em *Pink Flamingos*, *Female Trouble*, *Polyester Hairspray* e outros sete filmes.



Imagem 4. Cena do espetáculo da disciplina Diplomação 1 *Cinema Pelado*, inspirada na personagem Dawn interpretada por Divine no Filme *Femalle Trouble* de John Waters. Foto de Isabela Andrade.



Imagem 5. Personagem/atriz Tita no espetáculo *Central Zona: uma novela musical de Cantigas Boleráveis*. Foto de Humberto Araújo.

CAPÍTULO 2

2.1 CONTEXTOS HISTÓRICOS. DECOLONIZAR PINDORAMA OU A FERIDA COLONIAL AINDA SANGRA.

Hoje, 518 anos depois do chamado “descobrimento” do Brasil, escrevo enquanto há tempo. O meu corpo está cansado e a cabeça borbulhando, quase virando fumaça, fumo meu cigarro, penso em sexo, nas minhas amigas, na família, tudo isso enquanto bem garota uso minha calcinha vermelha comprada pelo preço de três por dez na rodoviária do Plano Piloto. Minha calcinha vermelha. Vermelha cor de Brasil, cor de América Latina, cor de sangue derramado, cor de sangue nos olhos. Meu corpo é uma mistura de sensações híbridas onde tudo vira suco de fruta, mel, leite, flores e bosta no final. Se me perguntas: “Você é uma garota Latino Americana?” Eu te respondo: “Sim, tenho cicatrizes.”

Minha calcinha vermelha intrusa e sensual quer guardar Pindorama. O Brasil todo dentro da calcinha, a América Latina toda socada no meu cu. Um mix de prazer e escárnio, de sangue e gozo, de sexo e zombaria, de orgasmo fingido e história mal contada com a mais esplendorosa lenda do orgasmo da garota do pau Brasil. Minha história se mistura com outras histórias, com as histórias das mulheres da minha família (da família como um todo, mas das mulheres em particular sempre me comunicaram intimamente), com a história das minhas amigas, com histórias de bares, becos e encruzilhadas dessas e outras vidas, e tudo isso vira eu, vivendo onde eu vivo, fazendo o que eu faço, e porque faço. Pergunta-me com quem ando e te direi quem sou. Sou uma travesti, mulher trans, mulher, latino Americana, brasileira, sudaca, não branca, greco-goiana, pirenopolinda, artista, monstra, louca, cheia de cicatrizes, etc..

Palavras chave:

SOBREVIVÊNCIA, SOBREVIVÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA

Para adentrarmos nessa narrativa trago comigo algumas leituras que me fazer entender dentro da história do Brasil e da América Latina um pouco da trajetória e as influências da colonização nas noções de sexualidade e identidade de gênero que temos hoje pensando num movimento decolonial. Trago comigo para me ajudar nesse capítulo MC Carol, Hija de Perra, Estevão Rafael Fernandes, Larissa Pelúcio e Carolina Nóbrega.

Com as caravelas descobridoras, no suposto início de nossa história, o processo de colonização trouxe consigo impregnadas ideologias que correm nas veias da nossa sociedade até hoje, misturada, re-fervida, re-doída, re-sangrada, re-trans-tornada.

Professora me desculpe, mas agora, vou falar, esse ano na escola, as coisas vão mudar. Nada contra ti, não me leve a mal, quem descobriu o Brasil, não foi Cabral.

Pedro Álvares Cabral, chegou 22 de abril, depois colonizou chamando de Pau-Brasil, ninguém trouxe família, muito menos filhos, porque já sabia, que ia matar vários índios.

Treze caravelas, trouxe muita morte, um milhão de índio morreu de tuberculose, falando de sofrimento dos tupis e guaranis, lembrei do guerreiro quilombo zumbi. Zumbi dos palmares vítima de uma emboscada, se não fosse a Dandara, eu levava chicotada. (MC CAROL - música: *Não Foi Cabral*, 2015)

Existimos antes de nos “descobrirem”, ou quem descobriu o Brasil não foi Cabral. Os Europeus trouxeram consigo vícios de dominação e tortura, escravização, catequização em relação aos lugares em que chegaram. Quando chegaram nas terras intituladas pelos povos tupis-guaranis como Pindorama, saquearam nossos conhecimentos e fizeram de tudo para catequizar e sobrepor sua cultura sobre o que já existia por aqui. Daí podemos pensar que tudo relacionado à sexualidade e identidade de gênero pode ser pensada a partir dessas narrativas.

518 anos depois, as construções de pensamento em sexualidade e identidade de gênero pode se dizer que são bem diferentes de qualquer outra época, seguimos guerrilhando por espaço e lutando por coisa óbvias, mas sim, estamos caminhando, e é possível sentir avanço nas discussões sobre a temática LGBTQI+ e Não Binárias no Brasil. Mas quando pensamos na colonização, importante ressaltar que esses termos são uma conquista em

relação à visibilidade e são totalmente decoloniais. Já que podemos afirmar que a lógica em relação à essa temática era diferente nas sociedades pré-coloniais. Trago essa contextualização a partir do artigo de Estevão Rafael Fernandes, “*Homossexualidade indígena no Brasil: Um roteiro histórico-bibliográfico*”, quando coloca sobre o próprio significado da palavra “homossexualidade” no texto e sobre a amplidão de sentidos pré-coloniais que poderia significar:

Homossexualidade” é aqui, portanto, usado como termo guarda-chuva para incluir as formas não heteronormadas encontradas pelo colonizador e descritas pela pena de cronistas, missionários, antropólogos, viajantes e historiadores. Nesse sentido, as descrições sobre “homossexualidade indígena” devem ser encaradas aqui muito mais como uma expressão da obsessão colonizadora com a sexualidade indígena e seu controle. (FERNANDES, 2016, p.16)

Então consigo afirmar que o “descobrimento” também trouxe e impôs suas novas normas e controlou a ideia de sexualidade e identidade de gênero, já que antes disso já haviam traços de toda amplidão em relação a isso nas sociedades pré-coloniais.

A homossexualidade indígena aparece de múltiplas formas em diversas fontes desde o início da colonização do Brasil. Autores como Gaspar de Carvajal (1540), Padre Manuel da Nóbrega (1549), Padre Pero Correia (1551), Jean de Léry (1557), Pero de Magalhães Gandavo (1576) e Gabriel Soares de Sousa (1587) fazem referência à homossexualidade indígena, especialmente entre os Tupinambá. (FERNANDES, 2016, p. 17)

É preciso atravessar historicamente pela perspectiva dos nossos ancestrais latino-americanos. E perceber que as minhas dores têm peso histórico e foi de certa forma trazido pelas caravelas. Minha história se soma à de muitas irmãs. No meu percurso de não identificação fui me encontrando com muitas amigas e amigos trans. Amigas que vão me guiar nessa escrita enquanto símbolos e faíscas no meu coração gelado e doce. Quando me encontro com Hija de Perra as fronteiras se borram para me ajudar a conduzir esse trabalho. Ela é uma mana Chilena que que afrontou e borrou as fronteiras da arte-identidade de gênero-performance-teoria queer. É importante borrar fronteiras quando pensamos esses assuntos. Fronteiras como ideologias impostas e arrastadas por séculos que merecem ser sempre re-observadas, re-pensadas,

re-estruturadas nos tempos atuais. A fronteira como divisão, como delimitação, como limite criadas e impostos por toda a história.

Quando volto o meu pensamento em relação a descolonização, é realmente necessário borrar fronteiras. É preciso estar disposta a algo complexo. Eu verifico essa viagem a partir da minha própria experiência enquanto corpo jogado no mundo. Eu me olho, pareço normal em relação aos outros. Quando me olham, se sentem ofendidos com minha existência. Falo de uma construção histórica cisgênera, heteronormativa, machista, branca, racista, elitizada, etc... Quando penso em descolonização não consigo não pensar na ideia de patriarcado gerando todas essas normas. E mesmo que utopicamente pensando na queda do mesmo enquanto solução. Penso tudo isso com complexidade, medo e sangue nos olhos. Todos os nossos universos de narrativas estão ligados a esses termos então tudo que escapole ou foge à norma estará condenado ao não pertencimento.

É necessário também não criar uma ideia romantizada e ingênua de que antes dos colonizadores chegarem não tínhamos problemas relacionados a identidades de gênero e sexualidades, que não existia violência de gênero e que tínhamos sociedades totalmente igualitárias. O que trago aqui é uma reflexão sobre a colonização moldando e definindo um novo padrão regente a partir de múltiplas possibilidades-vivencias e formas de experienciar o corpo e o todo que existiam e ainda re-existem por aqui.

É preciso atravessar os olhares e adentrar e recapitular a partir da nossa história. Olhar direto na cicatriz e perceber essas dores no passado, no presente e tentaremos melhorar para o futuro. Dias melhores virão. Trarei para agregar nessa narrativa minha mana Hija de Perra, sobre o atravessamento do olhar e sobre feridas não cicatrizadas de uma história que tenta domar nossos desejos mais naturais.

Atravessando o olhar virgem e magicamente seduzido de nossos ancestrais latino-americanos, chegou em um fabuloso barco místico a famosa idealização ocidentalizada da sexualidade, lamentavelmente manipulada pela instituição da igreja, derramando-se nestas terras os novos e péssimos pensamentos que se instalaram sob um saque e um sangrento ultraje que permanece intacto até os nossos dias, com o objetivo de normalizar, sob arrepiantes e ignorantes parâmetros, as bestas selvagens que viviam neste desconhecido paraíso.

É impressionante como se espalhou esta nova forma de pensamento e sua representação mágica, mística, religiosa, obrigatoriamente imposta que hoje assombrosamente a temos inscrita no fluxo neuronal e em cada célula que compõe o nosso corpo mestiço. (PERRA, 2014, p.1)

O processo de colonização trouxe consigo missionários evangelizadores que espalharam sua obra sobre as pessoas pré-coloniais que cá estavam. E nesse sentido criou profundas raízes que imperam até hoje nas nossas vidas socialmente, culturalmente e politicamente. A igreja quer a partir de aí reter e dominar a partir de uma nova norma-conduta. Eu posso também afirmar que redói em mim essa dor histórica de culpa e medo.

Eu cresci em Pirenópolis (Goiás), numa família extremamente cristã. Todas as manifestações culturais, sociais e até políticas da cidade têm uma realidade cristã. Acaba que tudo se contamina e mistura em um pensamento colonial-cristão. Todos os pensamentos em relação às identidades e os padrões de classificação e desclassificação das sexualidades. Mas penso na minha vivência desde a infância, sendo obrigada a sentir culpa por sair da norma, de me sentir feia e imunda. Agora TRANSmuta degenerada e potente.

Com o avanço das pesquisas relacionadas a teoria queer, tento reler essa perspectiva em relação a uma vivência pessoalizada, antropofagizada, onde eu mesma como e sou comida. As piranhas antropofágicas dominarão o mundo.

Palavras chave: Identidade de gênero; sexualidades; Teoria queer; explosão; teoria cu

É preciso olhar e ver sobre essa ótica contaminada até chegar à minha existência e a minha existência na arte. Sou uma artista ativista por necessidade. Se eu não luto, sou esmagada pela sociedade-patriarcado, já que sou lida como algo que foge da norma. Podemos assumir também que todo o contexto importa. O contexto da arte importa. O meu corpo pensado como a própria arte, cada complexidade, cada milímetro, cada potência de TRANSFORMAÇÃO. Recorro agora mais uma vez à irmã Hija de Perra enquanto trago

questões relacionadas à minha inadequação perdida num oceano de impossibilidades criadas para nos afetar, e enquanto reação tudo aquilo que produzimos enquanto resposta.

Quando vislumbrei a tragicomédia de fazer distinção radical na diferença e não simpatizar com o binarismo de gênero instaurado, pensei que somente era um humano deformado, inadequado, muito afeminado, com um corpo biologicamente reconhecido como masculino, logicamente em pecado, desmesuradamente aproximado ao anormal, pervertido e desviado, aprisionado como um sujeito imoral que não merecia entrar no reino dos céus, que devia pedir clemência e me corrigir desta transtornada e frenética patologia que me fazia sair do politicamente correto e estabelecido como natural dentro dos meus limites geopolíticos.

Resolvi com valentia enfrentar aos outros e fui me nutrindo de insólitas estupidezes em torno às construções sociais em nosso acontecer sul-americano, vivendo em carne própria a opressão e a hostilidade junto ao gozo discriminador do outro que se sente superior e correto, destruindo a integridade pessoal e jogando no lixo a dignidade humana. (PERRA, 2014, p. 3)

Eu penso exatamente assim. Hoje eu, corpo jogado no mundo, transformo cada partícula das rejeições, dores, inadequações, etc... e me ergo. Muito além de sobrevivência, acabei gerando universos tão potentes que eu poderia destruir o mundo com apenas um fósforo.

Ao tomar o chá da tarde com a teoria queer, sendo eu brasileira e ela estadunidense temos que borrar as narrativas e perceber na veia como ela poderia se aplicar aqui, no sentido de culturas totalmente diferentes. A teoria Queer trouxe visibilidade a partir do lugar acadêmico como proposta de incluir uma amplitude e complexidade na hora de pensar identidade de gênero e sexualidade. É inegável que a teoria Queer visibilizou o movimento e junto trouxe essa relação como uma proposta de mercado. Mas nós aqui na América Latina obviamente passamos por questões particulares, nossas cicatrizes são outras cicatrizes. Agora trarei um trecho do texto de Hija de Perra para ir contribuindo e gerando potência nessa narrativa em relação às leituras e releituras da teoria Queer.

Compreendemos que não é o mesmo dizer na América Latina teoria bicha e dizer teoria Queer, que por fim esse enunciado de fonética mais esnobe ajuda a que não exista suspeita a que se ensine essa sabedoria em instituições e universidades, sem provocar tensões e repercussões ao estigmatizar esse tipo de saber como bastardos. (PERRA, 2014, p. 6)

Deparo-me deliciosamente com a mana Larissa Pelúcio que vem na mesma temática onde as fronteiras se borram ainda mais, justamente para não criar nenhuma muralha concreta de pensamento e sim cada vez mais abrir espaço para vomitar, re-sangrar, re-TRANSformar, re-ler, atualizar. Com o artigo “*Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos Queer no Brasil?*”, a reflexão gera a partir das problematizações e contestações dos uso da teoria Queer no Brasil e sobre suas implicações epistemológicas mais profundas. No qual as categorias de gênero, sexualidade, raça/etnia se intercalam configurando uma experiência singular de observar esse assunto. No artigo ela se guia sobretudo na obra da filósofa Judith Butler justamente buscando reflexões antropofágicas, a partir de uma realidade latino-americana, pensada a partir de realidades locais, diante de questões transnacionais. A ideia do artigo é “a elaboração de uma “teoria cu” latino-americana, mas, sobretudo brasileira, aquela produzida fora dos regimes falocêntricos e heteronormativos da ciência canônica” (PELÚCIO, 2014, p. 1)

Cu, cu, cu, cada um tem um.
Jesus tem cu, Maria tem também,
Isso quer dizer que o cu é unissex.⁹

Nesse movimento sigo pessoalizando e trazendo essas referências enquanto Brasil cu do mundo. Cu onde quando se mete o dedo mix de prazer e dor. Eu sou da América do Sul, já tomei muito no cu. Cu como proposta de orifício constrangedoramente a partir das margens, das beiras pouco assépticas, de um não pensamento clínico, e a partir de espaços menos higienizados e engendrados. E assim pensar em localizar nosso lugar nessa “tradição”. Uma experiência subjetivamente política.

Penso que como herança, muitas vezes, compactuamos com essas “verdades” composta por binarismos duros, de origem epistemologicamente

⁹ Frase usada no processo da peça “*INFLAMAVEL*”, onde eu interpretei a personagem Mariinha. Direção João Quinto, 2014.

ocidental: norte-sul, homem-mulher, racional-passional, etc... Penso na importância mais uma vez de borrar esses binarismos que se tomam rígidos e de perceber que não existe só o dia e a noite e entre os dois sempre terá muitas nuances, e não só sobre o anoitecer e amanhecer. Trago mais um trecho do texto de Larissa Pelúcio para ajudar a visualizar essas questões enquanto borramos fronteiras, em relação aos binarismos sociais formados.

Com nossa imaginação azeitada fomos percebendo que as fronteiras traçadas entre Norte e Sul são mais porosas e penetráveis do que nos fizemos crer. Centros sempre tiveram suas periferias, e as periferias, por sua vez, sempre tiveram seus centros. (PELÚCIO, 2014, p. 11)

Sigo pensando em decolonizar, despatriarcalizar, destradicionalizar. Nenhuma dessas palavras com uma tendência sólida. Só com experimento enquanto algo de certa forma enraizado, endurecido pelo tempo. Experiência enquanto trauma mesmo. Enquanto óbvio para os que sangram, e enquanto confortável para quem faz sangrar, me parece. Digo enquanto oceano. Digo enquanto floresta. Falo enquanto diversidade, enquanto mais e mais diversidade. Falo enquanto cidade. Enquanto corpo-estrada. Enquanto corpo-viagem. Enquanto sagrada e enquanto profana. Enquanto sangrada. Enquanto fronteiras borradas. Enquanto cicatrizes. Me penso, repenso e dói, logo depois uma gargalhada involuntária me lembra que o desvio também importa. Que a norma enquanto fronteira para uns, desfronteira. Que tradição enquanto dureza, destradição. Que homem enquanto soberania, deshomen. Que minha vida enquanto espetáculo para os outros, desespetáculo. Que uma via enquanto certa, desvio. Quanto a qualquer certeza, descerteza. Por tudo que é normal, proponha uma experiência desviada, desencaminhada e desorientada enquanto forma de se achar. Digo isso enquanto corpo jogado no mundo, lançado na arte.

Precisarei mais uma vez recorrer a Hija de Perra para me ajudar a encontrar, a partir das suas dúvidas, transformadas em potências do ser. Transformando cada dúvida, cada incerteza, indecisão, vacilação, insegurança em potência. Cada pergunta abre milhões de universos, e desse jeito sigo... ou, o que esperam de mim?

Serei uma vida castigada por Deus por invertida, torta e ambígua?

Serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre, com inclinação sodomita capitalista?

Serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a devires ardentes?

Ou serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer sexual?

Existindo múltiplas opressões e dispositivos de controle já não está claro se você é homem, mulher, gay, lésbica, travesti, transgênero, andrógino ou bissexual.

Hoje, a classe social, a raça, a educação, a localização, incidem dentro do conceito de gênero, ainda que alguns apaixonados pela heteronorma não queiram abrir seus olhinhos conservadores e ver a realidade exposta em seus próprios narizes.

Por que alguns não entenderão essa simples premissa?

Às vezes me esmaga o paradigma de estar presa a um estreito modelo de dois sexos.

Qual é a ideia de ser normalizados e que pareçamos um regimento?

Por que está ideia favorece politicamente a América Latina? O que há de tão tormentoso em ser indiferente a entender em que caixa sexual você se encontra? (PERRA, 2014, p 4 e 5)

Também enquanto potência de me encontrar com artistas trans trago comigo uma ideia que me ajuda a localizar e visualizar um pouco dessas trajetórias. Quando falo de cicatrizes, quando eu falo de peso histórico, de re-sangrar, re-doer, etc... Comigo, em meu corpo tem estrada e tem história, fonte de desejos mais puro e criativo, vivo, pulsante, mas sobre pressão de um sistema, ou *cis*-tema que me viola diariamente, e nesse corpo sigo relatando essa violência. Esse é o tema da pesquisa de Jota Mombaça quando elx traz o projeto de performance intitulado *A Ferida Colonial Ainda Dói* que discorre sobre os efeitos atuais da colonialidade. Nas performances tem sempre o debate geopolítico e histórico da vida nas ex-colônias.

A Ferida Colonial Ainda Dói é uma plataforma criação em performance arte e politização dos efeitos políticos da atualização indefinida da colonialidade no presente. A primeira performance foi apresentada em novembro de 2015, em Veneza (Itália). Outras performances foram realizadas em Natal (Rua, maio-2016), Rio de Janeiro (Capacete, julho-2016) e Buenos Aires (dezembro-2016). As performances ganham novos contornos e são reconfiguradas a partir dos contextos em que são apresentadas e dos materiais disponíveis para a sua realização.

O que se mantém em todas as apresentações é a apropriação do sangue como dispositivo de inscrição do corpo no debate geopolítico, trazido à cena por meio de mapas, bandeiras ou publicações que evoquem a configuração colonial do mundo contemporâneo e suas relações com a história da colonialidade. Nessa ação, a artista propõe um discurso crítico das narrativas contemporâneas acerca dos corpos, vidas e sensibilidades situadas nas ex-colônias, uma reflexão sobre as intersecções entre performance e decolonialidade.

Todas as pesquisas envoltas nessas performances de Jota Mombaça me ajudam muito, enquanto pares, enquanto irmandade, etc... A ir entendendo cada vez mais a observar a nossa história, para que eu consiga agir em relação a tudo que me afeta a partir dessa história instaurada.

Sigo cada vez mais conectada às questões que TRANS-TORNAM e colando no bonde, tomando de assalto o que é nosso, sigo minha trajetória enquanto “A lenda da garota do pau Brasil”, descolonizando e seguindo meus instintos e desejos mais latentes, etc...

2.2 - A LENDA DA GAROTA DO PAU BRASIL

Ela antropofágica vomita e come outra vez na intenção de se alimentar, etc...

Cansada de migalhas e histórias mal contadas, poder ao povo, etc...

Onde o pardismo é um mito, sou tudo menos branca. Não branca, etc...

Mulher de pau, maquiagem barata, capital do Brasil, fumante, combativa, etc...

Salto alto, pão com ovo, bixa poc, trava, lendária, degenerada, safada, deusa, rainha, etc...

Performer de mãos cheias e mãos e bolsos vazios. Pau no cu do mundo. Que delícia.

Golpe de estado. Golpes diários. Não sou barroca. Gritooooooooooooooooooooo.

Não fui descoberta nem nunca serei. Prefiro desordem e processo. Anti-opressão, etc...

Lusitana paixão. Morei em Portugal dos meus 12 aos 16 anos. Tanta coisa para pensar eu só quero o que é meu. Atriz-performer da minha própria novela mexicana.

Minha mãe hoje mora em Portugal com minhas duas irmãs. Ela foi com a melhor amiga e a namorada da melhor amiga. Hoje trabalha como doméstica na casa de uma Brasileira que ficou rica. A brasileira pobre limpa a casa da brasileira rica ou "BITCH BETTER HAVE MY MONEY"¹⁰, etc...

Fado. Samba. Techno-brega. Techno-trans. Funk. Homossexualiens. Preciso depilar as pernas. Só quando eu quero. "Um beijo pra quem é de longe, um beijo pra quem é daqui, um beijo pras travestis"¹¹. Cola junto as sapatão e as transviada, os homes trans, não bináries, etc... Ou minha amiga João Stoppa se identifica no gênero *FICÇÃO CIENTÍFICA*.

Arroz feijão é luxo. Já engoli o mundo e "ninguém me respeita nessa cidade"¹², puta híbrida.

¹⁰ Rihanna. **Bitch better have my money**. 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=qHkpGJcB0HU>>.

¹¹ XUXU, Mc. **Um beijo**. 2016. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=TZbyVY9sIRo>>.

¹² Trecho da música *Amante não tem lar* de Marília Mendonça. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=OT7PpQEz7rc>>.

1500. “Descobriram o Brasil”. 2018, eu, descubro algo diferente a cada esquina a cada milésimo de segundo. Acabo de descobrir que estou viva. Fumo cigarros etc...

Verde e amarelo é o caralho você não sabia o que eu passava em casa. Sangue etc...

Artivismo. Anarquismo. Desvio. Potência. Micropolítica. Quando eu pego ônibus o mundo para. Cada vez que eu saio de casa o circo chega na sua cidade.

Minha/meu órgão genital não é masculino. Pau ou perereca de rabinho? O que esperas de mim? Me senti um objeto, mas não vou ser usada, te incomodo? Estou viva, etc...

“Não se nasce mulher, torna-se traveco”. Nunca fui homem. Não serei mais estatística.

Deusas afro latinas nos protejam. Periferia. Minhas amigas vão dominar o mundo. O mundo é das mulheres. Mulheres do fim do mundo. Mulher como amplidão. Mulher do pau Brasil. Híbrida. Vida-arte-morte-sorte-sonhos.

Proibiu arroz, acabou feijão, ganjah, acabou tudo. A gente corre atrás do que é nosso, simples. No mais, todes as pessoas trans finíssimas fumando maconha.

Trans.com.brPauBr
azilTitaMaravilhaOri
ginal

2.3 - SAGRADA E PROFANA: NOTAS SOBRE TRADICIONALISMOS OU COMO TRAUMATIZAR AS TRADIÇÕES

Em tudo que é construído existe a narrativa de interesses. Toda história foi contada, escrita por alguém. Essas narrativas globalizadas cada uma com seu interesse considerável. Oceano de possibilidades, onde quem conta acrescenta um ponto, uma vírgula o alfabeto inteiro. Por exemplo, eu dentro de minha trajetória dentro do cristianismo percebo que a história de Jesus, umas das mais contadas da história, tem uma narrativa de certa forma sofisticada, porém cafona, cafona aqui enquanto potência, contada a partir de determinadas perspectivas para que a gente se lembre do que um grupo de pessoas nos quer fazer acreditar. Há sempre um recorte. Um recorte de enquadramento do olhar. A história como manipulação de informação, de memória. E as histórias que não foram contadas? Ou mesmo as que foram, mas foram deletadas do sistema pois atrapalhariam o olhar recortado que foi determinado para ficar na história? Falo de um olhar e um conhecimento voltado para que acreditemos que o mundo foi construído por um saber desenvolvido por homens, brancos, heterossexuais, dentro de uma perspectiva eurocentrada e norte americanizada. Falo sob uma perspectiva de golpe e sob pressão de um mundo que tende a ter padrões que o reproduzem até hoje. Sigo pensando em decolonizar. Penso numa narrativa mais pela realidade, menos pela ficção, mas essas fronteiras também se borram.

Vou aos poucos entendendo minhas narrativas enquanto oceano, mas também enquanto estrada. Penso na importância da minha narrativa a partir dessa reflexão. Minhas narrativas criando novas possibilidades. Minha vida, meu dia a dia, minhas amigas, essa escrita como transformação dessas narrativas viciadas. O olhar e o ouvido sempre atentos tentando desviciar das narrativas genéricas e tão comerciais.

Minha narrativa começa quando eu existo. Não pretendo deixar legados enquanto moldura, parede, cerca, concreto. E sim, mais uma vez mergulhar no infinito oceano de possibilidades.

Eu enquanto uma travesti pirenopolinda, greco-goiana, latino-americana, brasileira, etc... pretendo me expor enquanto algo vivo, com toda a dificuldade e

prazer de ser/ter um corpo tentando fazer disso meu carnaval interno cheio de cicatrizes.

Nasci numa cidade de quase três séculos de idade. Uma cidade marcada pelos tradicionalismos. Onde ano após ano as pessoas apenas esperam pela festa do Divino Espírito Santo. A minha relação com a cidade hoje, por exemplo com Brasília, é bem diferente da minha vivência em Pirenópolis. Lá na minha cidade de origem os tradicionalismos correm nas veias, e ano após ano, de geração em geração vai se propondo a reprodução de histórias e narrativas, essencialmente cristãs e com o tempo a inserção e hibridização com outros movimentos considerados pela própria tradição como “profanos”. Essas narrativas levam nosso olhar bem enquadrado para certo “lado da história”. Bem eu sei, pois tentaram me mostrar o que pode e o que não pode nas tradições. Quando pode e quando não pode. Quem pode e quem não pode participar. Desde criança percebi que parecia que era preciso pertencer para participar. Tudo encaixado, organizado, endurecido. Digo isso muito na relação do meu corpo jogado nessa situação. Percebo enquanto corpo vivo que desde criança percebe como isso afetou e ainda afeta minha experiência como um todo.

Binarismos a serem borrados:

**homem-mulher, azul-rosa, mouros-cristãos, cavaleiro-pastorinha,
sagrado-profano**

Nas tradições como em quase tudo por aí, nos festejos da cidade as coisas se dividiam também entre o que era de participação masculina e feminina. Eu definitivamente sempre quis participar das tradições femininas, mas na época, com o corpo socialmente lido como “masculino” detectei que seria impossível. Por exemplo toda festa, ano após ano, é oferecida pelo Imperador que é sorteado numa missa. Em toda a sua história da festa de quase 200 anos só um homem pode oferecer a festa. Nas festividades das cavalhadas homens podem se inserir em determinadas funções e mulheres em outras, algumas delas são mistas. Mas eu, de fato queria brincar e participar das tradições relacionadas

às mulheres. Eu sempre quis ser pastorinha, porta-bandeiras e catireira. E de certa forma eu sempre quis muito participar. Então eu brincava nos meus sonhos. Eu quando criança brincava sempre se ser pastorinha, porta-bandeira e catireira.

Aos poucos na minha cabeça eu fui criando uma festa só para mim. Onde eu sou o que eu quero. Faço minhas orações, acendo fogueira e derrubo preconceito. Retradicionalizo com minhas questões. Fui percebendo que meu corpo é uma festa que quer dançar em outras festas.

Ou seja, percebo que não é para mim. Que mais uma vez não me sinto pertencida. E nesse contexto das tradições nunca me senti. Falo de congelamento tradicional. Como se essas tradições fossem intocáveis onde nem o tempo pode atuar verdadeiramente. Trago agora trechos do texto *Traumatizar a tradição* de Carolina Nóbrega, para me ajudar a dar continuidade nas minhas questões a partir do conceito de “tradição” usada até hoje de forma endurecida.

A noção de tradição usada até a atualidade para colocar as produções dos trabalhadores como exemplos museológicos de um passado nacional remoto. A manutenção desse status anacrônico para as suas criações artísticas serviu e ainda serve a interesses a elite cultural e do poder público em nublar as faces de seus agentes culturais, que se tornam criaturas anônimas a serviço de uma temporalidade perdida e permitem, assim, que suas produções sejam domínio público de fácil usurpação. Ao mesmo tempo, impede que seus atos conquistem qualquer poder de mobilidade como ações contemporâneas de elaboração e contestação de realidade objetiva. (NÓBREGA, 2016, p. 06)

Minha narrativa enquanto quem gera a própria narrativa criando com restos. Do lixo ao luxo. Na perspectiva de reciclar ideias. De brincar com tudo o que foi me proposto como sério e estático. Eu serei o que quiser, quando quiser. Criando possibilidades. Abrindo espaço. Respirando. Buscando não reproduzir toda e qualquer estrutura que aprisione o pensamento artístico. Se existo, transformo. Se não for para causar nem saio de casa. Hoje a minha performance pessoal tende a afrontar esse raciocínio estático sobre as tradições. Gosto de pensar que destradicionalizo ou retradicionalizo. Não para congelar mais uma vez, mas para brincar, jogar para cima para ver onde cai. Para explodir e gerar novas possibilidades.

Portanto, tanto agentes culturais enquadrados como eruditos ou contemporâneos quanto agentes culturais populares estão respondendo a uma tradição colonial que opera na real forma discursiva, política social e performativa. Ainda que não se possa saltar completamente para fora dos enredos dessa tradição (essa serpentina comprida, comprida) pode-se confronta-la enquanto enfrentamentos dos papéis- privilegiados ou não- que estamos exercendo em nossos embates culturais diários. Pode-se, então, buscar modos de ação mais desviantes, capazes de macular vias normativas de atuação e romper ciclos de abuso e exclusão social. (NÓBREGA, 2016, p. 8)

A partir dessa citação de Carolina Nóbrega trago agora relatos de uma vida/performance vivida a partir das cicatrizes e do corpo jogado no mundo. O mundo que não se mostra parecer me compreender e me tratar como normal. A ferida colonial ainda dói. O machismo, racismo, homofobia, lesbofobia, transfobia, misoginia, etc.... são termos que andam por aí diariamente, fazem compras, vão para seus respectivos trabalhos e às vezes se camuflam e viram tradição. Quando assim tradição, destradicionalizo.

Falo também da importância enquanto pessoa trans gerando narrativa. Nós nunca tivemos espaços não estigmatizados, e agora a partir da minha experiência colho cacos e transformo em algo. Conto meus viveres e andanças enquanto traumatizo tradições. Se não me vem enquanto potência me rasgo enquanto raio de luz transformador. Cada cicatriz enquanto potência. Cada desejo enquanto potência e oceano. Cada gozo, e também cada dor e desconforto se torna enfrentamento. Por mais espaço de visibilidade, por ocupação de espaços não estigmatizados. O nosso lugar é onde a gente quiser. Falo do meu empoderamento como agridoce. Falo de violência enquanto linguagem, falo de abrir espaços não óbvios. Trago mais uma vez um trecho do texto de Larissa Pelúcio para me ajudar a ir de encontro nessa proposta de transformação e desestatização das tradições que se petrificam nas suas organizações sociais no Brasil.

Criar possibilidades relacionais que não sigam reparodiando estruturas escravocratas de organização social implica em abrir espaço para encontros menos óbvios, capazes de produzir, no presente da enunciação, entre-lugares liminares, vibrantes e poluidores. Só assim, a partir do enfrentamento do desconforto gerado pelo embate cultural e do olhar corajoso para a ferida

aberta do processo de invenção do Brasil, podemos construir um espírito zombeteiro capaz de traumatizar a tradição... (PELÚCIO, 2014, p.10)

Penso: o que esperam de mim? O que a sociedade espera de nós? Nós, eu digo, enquanto corpo dissidentes, desviantes, corpo estranhos¹³, etc... Se esperam algo nem sempre darei, posso ser o contrário. Na minha história de não pertencimento às vezes me encontro. No desvio da norma. Percebo que meu “aqui” e “agora” se põe toda uma complexidade que mistura afrontamento e necessidade. Não prometo nada. Mas enquanto isso, proponho TRANSformação, sempre em movimento. Penso na violência como linguagem, muito sangue escorrido pela história, penso que não quero ser estatística. Penso também na frase da mana Jota Mombaça, assinando como MC Katrina Erratika *“se não podemos ser violentas no es nuestra revolución”*.

Já que segundo o levantamento feito pela ONG Transgender Europe em 2016 mostra que o Brasil é o país que, em números absolutos, mais registra assassinatos de travestis e transexuais no mundo, também apontam que o tempo médio de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos, enquanto a expectativa de vida da população em geral é de 75,5 anos. A mesma pesquisa indica que os brasileiros também lideram uma outra lista: dos países que mais procuram por pornografia transexual no RedTube.

Me vejo nesse oceano pronta para virar borboleta. TRANStornada penso em TRANSformação mais que tudo. A cada passo, a cada risada com uma irmã, no outro dia a cada morte de outra. Nascer e morrer várias vezes, todos os dias e para sempre. Minha narrativa me salva de um quem não está preparado para mim, ou aceita que dói menos. Sigo numa missão de construir para desconstruir, de transição, de processo. E sigo minha trajetória/estrada/narrativa convidando ao voo de uma experiência sem limites. Que estanque o sangue. De mãos dadas com as irmãs e sangue nos olhos transformando tradições e criando novos universos, eu vôo. O resto do meu corpo é silêncio, cansaço, carne, unhas, cabelo, etc... Na próxima encarnação quero ser uma manga madura ou

¹³ *Corpo Estranho* é um processo de performance desenvolvido por Matheusa, ou Theusa. Segue o link que traz mais sobre a pesquisa que ela desenvolvia traçando olhares sobre seu “corpo estranho” aos olhos de um “normal” na sociedade como um todo e no Rio de Janeiro. <http://www.rioetc.com.br/pelas-ruas/corpo-estranho/>

tamarindo. É difícil demais ser eu, mas também é gostoso ou, eu sou bonita pra caramba.

Milênio vai, milênio vem, a ocasião é propícia para que os oradores de inflamado verbo discurssem sobre os destinos da humanidade e para que os porta vozes da ira de Deus anunciem o fim do mundo e o aniquilamento geral, enquanto o tempo, de boca fechada, continua sua caminhada ao longo da eternidade e do mistério. (GALEANO, 2001)



Imagem 6.

Pirenópolis Alagada, travesti das águas, pororoca, ou a arte saliva.

Fotoperformance pensada a partir das questões tradicionais em Pirenópolis, e eu quando nela inserida, enchentes, terremotos, furacões, etc...

Fotoperformance/montagem/ truque: Iêda Figueiró- Figueira Infinita



Imagem 7.

Meu corpo é uma festa que quer dançar em outras festas ou Pirenopolinda como destradição.

Fotoperformance pensada a partir da minha vivência em Pirenópolis. A montagem traz vários símbolos e imagens que misturam minhas referências enquanto universo LGBTQI+ e outras referências pessoais. Transformando o olhar e propondo uma brincadeira visual.

Fotoperformance/montagem/ truque: Iêda Figueiró- Figueira Infinita

CAPÍTULO TRÊS

3.1-PUTA HÍBRIDA: CORPO POLÍTICO, MERCADOS DE ARTE, SOBREVIVÊNCIA.

Esse capítulo é sobre mergulhar em oceanos, em áreas confusas e caóticas de uma reflexão pessoal sobre essas linguagens que trago enquanto ferramentas-bagagem-estrada. Uma tentativa de descrever minhas sensações a partir de vivências enquanto artista-pesquisadora-atriz-performer-etc.... tudo isso misturado, ao contrário, etc.... e também através de leituras relacionadas para tentar achar pares de pensamento que trazem em seus escritos pensamentos sobre territórios miscigenados da arte, relacionados a uma desfronteirização, *puta híbrida*, sobre fazer pontes, multiplicar, etc... Trago comigo, enquanto eixo criador, como leitura para esse capítulo Renato Cohen, Guillermo Gómez-Peña, Maria Beatriz de Medeiros, Culto das Malditas, Jota Mombaça, Hija de Perra, Judith Butler e Larissa Pelúcio.

Na minha trajetória no curso de artes cênicas e naturalmente na minha vivência enquanto artista-agente cultural-artivista, quando vivencio arte na cidade, no mundo, etc.... é notável que nesse movimento borro fronteiras e bebo de várias fontes, uso de várias referências a partir de uma mala de ferramentas enquanto processos que passei durante minha formação. Digo que trago isso comigo desde sempre. Tornou-se natural a mistura. Misturar para compreender. Digo enquanto oceano e enquanto sopa, que misturando tudo fica tão gostoso no final. Ressalto também que meu encontro com as disciplinas de performance, teatro performativo, teatro-dança, dança-teatro, etc.... me ajudaram a encontrar em mim o que eu buscava enquanto artista durante a trajetória. Relevo ainda sobre encontros com essas linguagens e com pessoas e experiências que vão transformando meu olhar e pensamento durante essa trajetória.

Introduzo também um conceito colocado na música *queima quengaral* da banda performática brasileira *Culto das Malditas*¹⁴, que traz reflexões sobre as mal faladas, as mal ditas. Uma proposta sobre reconhecimento, fortalecimento, descolonização e empoderamento dos corpos marginalizados. Segue o trecho da música:

O estoque das malditas é só tu escolher
E pagar 20 reais que elas fazem o proceder.
Eu tô quente, tô assada. Tô frita, abalada.
É isso bb, o rodjan¹⁵ absoluto.
O estoque é esse, vou e mostrar os produtos:
Canta, dança, sapateia, come, dá e te chupa.
É a puta híbrida, ela faz tudo, e sem culpa.

Trago esse trecho da música porque corresponde exatamente a como eu me sinto em relação à minha prática, minha vivência no chamado mercado da arte contemporânea onde eu mesma corro atrás do que é meu. É necessário falar nessa trajetória sobre correrias, necessidades, sobrevivência de um corpo marginal que se não reage morre sem oportunidades. Falo enquanto corpo "estranho" aos olhos de um "normal" que a mim já não cabe mais, já que o mundo sou eu. Falo desse mercado de arte que é elitizado, branco, cisgenêro, heteronormativo, racista, etc...

Nesse eterno não lugar, não nasci para não participar. Corro atrás do que quero, e enquanto pessoa trans às vezes tenho que correr o triplo. Pego minha bagagem e minhas referências e sigo atrás de oportunidades. Num sistema que privilegia esses corpos considerados "normais" a partir dessa heteronorma

¹⁴ Tarei o nome das minhas amigas integrantes da banda-coletivo *Culto das Malditas* como forma de as mostrar vivas, atuantes, contrariando estatísticas, e para ficarmos juntas na história da arte que estamos construindo. São elas, Caleba Brasil, Medro Pesquita, Brunette BG, Brenno Uriel (Brenette), Pietra Souza, Agostinho Santos, João Stoppa e Tiago Almeida Teixeira. Nessa perspectiva de decolonizar as identidades de gênero e sexualidades elas se colocam como "Bixa, Mulher, Travesti, viado, não Binaria, Monstra, Prafrentex dos Infernos, Revolucionaria, Drag, Maldita, Babadeira dos Vogue das Caraia Toda".

¹⁵ O conceito de *rodjan* vem do *pajubá* que é uma linguagem popular híbrida que mescla origens afro-brasileiras com a linguagem da rua para codificação e sobrevivência de grupo de travestis e enfim, todas as pessoas LGBTQI+. No *pajubá* a palavra *Rodjan* significa rolê, evento boca de se fuder, botar a cara no sol. Enfim... o conceito é híbrido de significados e faz sentido no contexto das irmãs, alguns podem se distanciar ou não entender.

machista que beneficia homens enquanto fortes e dominadores, poderosos, soberanos etc.... tenho que reagir. Não trago esse texto enquanto revolta endurecida, mas enquanto desfazedora de nós, enquanto libertação e transformação. Vejo no meu corpo cicatrizes desse sistema que me marca e quer me condicionar, que quer decidir onde posso e não posso ir, que quer me levar para a morte sem me dar a chance de nenhum desejo. E eu quebro com todos esses paradigmas existindo plenamente, correndo atrás e deixando cada pulsar e cada desejo que aponta em mim existir, tentando na mais simples vontade de viver mais um dia, sobrevivendo também, não desistindo, como diz na letra da música da mana Rosa Luz, do EP Rosa Maria Codinome Rosa Luz: parte 2. “Se a morte não chegou é mais um dia de sorte.”¹⁶

Nessas transformações, transformo ódio e revolta em material de poder, auto cura, viagem, olhar, poesia, música, vídeo, performance, etc...

Nunca foi fácil. Nunca ninguém me disse que seria. Mas dias melhores virão. Sinceramente falo de um lugar que é estigmatizado pela sociedade. Nós pessoas trans estamos condicionadas a determinados espaços. Eu enquanto artista, fui escavando e achando lugares em limbos. Lugares que foram me cabendo, fui transformando espaços e transitando por eles. Hoje acabo sendo um corpo específico, por exemplo, no teatro, pensando numa perspectiva de um texto dramático onde a maioria dos personagens é tido num sistema binário de pensamento encontraremos personagens “masculinos” e “femininos”, e se eu fosse, hoje, montar "Romeu e Julieta", de Shakespeare, a partir da minha identidade de gênero e da performance de gênero que vivo só corresponderia à Julieta. Penso que meu corpo lançado nessas questões já é desconstrução. Penso que hoje seria possível esse tipo de experiência lançada na experimentação. Julieta trans, trans Julieta, uma história sem Romeu. Sei que esse trânsito é necessário por motivo de visibilidade e existência desses entres. E também consigo perceber e encontrar com pares que na história da arte que foram borrando essas fronteiras para existir e se colocar a partir desse sistema condicionador. A partir do que seria uma arte Queer, CUir, Kuir, etc.... um espaço

¹⁶ LUZ, Rosa. **Pt. 1 Rosa Maria Codinome Rosa Luz**: [Prod. Dubobeats]. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AkJaNXbvrsY>>. Acesso em: 07 mar. 2018. Rosa Luz é uma artista trans babadeira que também vem como força e potência na minha escrita. Mais uma parceira de crime.

voltado para a produção e visibilidade para a desconstrução de espaço desses sujeitos na arte, no mercado da arte, etc... Reflito também sobre o que seria esse binarismo entre a arte mainstream e a arte underground. Pensando que esses sujeitos corpos "estranhos", marginalizados, me parecem mais relacionados ao universo underground de autoprodução e autogestão, mas pensando numa evolução da arte, sinceramente acho que hoje em dia a relação entre esses binarismos se borra para multiplicar a ideia de representatividade e existência empoderada. Trarei agora um trecho do texto *Trabalhos úteis para artistas utópicos, da série ativismo imaginário*, de Guillermo Gómez-Peña para nos ajudar a visualizar soluções a partir de questionamentos enquanto artistas utópicos inseridos entre o mercado de arte, e ainda sobre o universo da arte "alternativa".

Existe um debate extremamente desconcertante nas nossas comunidades de ativistas e de artes com posicionamento crítico: como podemos reconquistar com preocupações sociais num mundo mergulhado em agitação política, violência generalizada e desespero financeiro? Por outras palavras, perante as dimensões da nossa crise poderemos tornar-nos de novo úteis? Como?

Quando o mundo da arte "alternativa" desmorona à nossa volta devido aos cortes de financiamento, os artistas com posicionamento crítico comprometidos com projetos socialmente responsáveis fora do museu enfrentam um grande paradoxo: o nosso trabalho revela-se mais necessário que nunca (sabemo-lo), mas os meios e as fontes da nossa sobrevivência estão a tornar-se cada vez mais escassos. (GOMÉZ-PEÑA, 2016, p. 211)

Falo de um ponto de vista pensado a partir de percepções sobre hoje, a arte como mistura de sobrevivência com a questão da oportunidade, inseridas nesse sistema que privilegia corpos. Penso numa relação onde hoje tenho referências de pares que me ajudam na minha caminhada, que mesmo que diferentes e diversos me aproximam de iguais, minhas primas, minhas irmãs da arte, do mundo, digo também sobre a importância de ler pessoas trans, de ter contatos com seus materiais de arte, assim afiamos nossa narrativa a partir do encontro. Penso em todas as minhas amigas artistas absurdas cada uma com o seu tempero e sua contribuição insana, nas pessoas LGBTQI+, não binárias que estão nas mídias convencionais e alternativas e que estão ocupando todos os espaços, os mais diferentes, que possamos existir livremente.

Quando me associo a esse trecho da música *Queima quengaral* da banda *Culto das Malditas* é muito sobre essa relação de trânsito entre linguagens, por escolha, por pensar enquanto colcha de retalhos, enquanto reaproveitadora de lixo e enquanto sobrevivência. Transformo tabu em totem, no sentido de reação mesmo. Hoje observando o meu currículo, pensando entre sonhos artísticos e realidade do mercado de trabalho faço de um tudo. Analisando nessas possibilidades um pouco mais separadas. Sou atriz, performer, drag queen, cantora, dançarina, palhaça, dj, apresentadora, garçonete, etc... Hoje o meu trabalho se assemelha ao trabalho de uma puta¹⁷. Ofereço um serviço desses prestados aí a cima, separados ou em combo, normalmente por um preço de uma diária ou dependendo por temporadas. Realizo o fetiche artístico, faço gozar com direito a catarse, drama, humor, exposição de cicatrizes e do ridículo mais profundo a preços variados.

¹⁷ Quando trago relações do meu trabalho associados à *prostituição* entendo que envolve muita carga de violência contra a mulher e enfim, toda uma complexidade que gira em torno dessa temática. Trarei aqui o termo *Putá* de forma empoderada pensando nessa perspectiva enquanto quem tenta se livrar do pejorativo e sim pensando enquanto realidade. Trago o termo como sinônimo de “Mulher que faz relações sexuais por dinheiro; prostituta. Aquela que não tem pudor; libertina ou despudorada”.
<https://www.dicio.com.br/puta/>



Imagens 8 e 9.

Putá Híbrida. Tita Mélo. Performance realizada no dia 12/06/2018. Fotografia: Joaquim Lima. Anja: Clara Maria Matos.

3.2- PERFORMANCE: CORPO ENQUANTO POTÊNCIA. MOSTRANDO QUE ESTOU VIVA, BORRANDO FRONTEIRAS OU TÓPICOS DE UMA ARTISTA DIVERGENTE

Com esta monografia encerro um ciclo, ou melhor, finício um ciclo quando finalizo o curso de Artes Cênicas. O teatro foi a primeira porta que entrei no caminho híbrido que eu fui descobrindo posteriormente. Hoje me vejo mais como puta híbrida mesmo, faço de um tudo. Mas me considero essencialmente performer, por estar acessando mais esses espaços não convencionais e justamente não estar tão inseridas em determinadas normas do universo do teatro e seu mercado. Sigo agora numa tentativa de identificar rastros e envoltórios do que seria essa figura "performer".

Agora, seguimos numa busca de entender na história da arte os caminhos e o desenrolar dessa linguagem e de como ela me ajuda a borrar sentidos para criar outros. Em seguida cito um trecho de Guillermo Gómez-Peña no texto *En defensa del arte del performance*, no qual ele nos coloca várias respostas dadas por outras pessoas em cima da pergunta: – Disculpe, ¿podría definir el arte del performance?

Respuestas:

- Un bonche de gente “rarita” que gusta de andar desnuda y gritar consignas izquierdistas sobre el escenario. (Yuppie gringo en un bar).
 - Los artistas de performance son... malos actores. (Un “buen” actor). – ¿Se refiere a esos liberales decadentes y elitistas que se ocultan detrás del “arte” para pedirle dinero al gobierno? (Político republicano).
 - Es una onda muy... muy chida. Te hace... pensar y cagarte de la risa. (Mi sobrino).
 - El performance es tanto la antítesis como el antídoto para la alta cultura. (Artista de performance).
 - Te responderé con un chiste: ¿Qué obtienes cuando mezclas un cómico con un performer?... Un chiste que nadie entiende. (Un amigo).
- (GÓMEZ-PEÑA, 2005, p. 200)

Pergunto novamente: Desculpe, poderia definir a arte da performance?

Eu sigo escrevendo na tentativa de mergulhar em oceanos ainda mais profundos. Pensar performance torna-se natural já que penso o universo da arte muito mais a partir da experiência real de ser eu. Existir é político, estético e poético. Nas minhas reflexões sobre performance-teatro-vida me perco nos sentidos e borro as fronteiras da linguagem dos meus desejos mais profundos. No fim do ano de 2017, nas comemorações do fim de ano eu planejei conversar com a minha família sobre o assunto que me pulsava mais forte e dominava meu corpo. Precisava conversar sobre a minha identidade de gênero, tive a necessidade de fazê-lo para na verdade explicar minha relação com meu corpo e com o mundo. Me organizei mentalmente por meses, talvez 25 anos da minha existência para esse momento. Eu precisava ser ali bem didática para buscar formas de compreensão, jogando para o universo que me trouxesse boas novas enquanto laços de amor e reconstrução. Organizei quatro polos de explicação e conversa, com as pessoas da família por quem tenho consideração e quero manter contato, porque família a gente também constrói.

Nesse momento muita coisa mudou na minha vida. Cada movimento tornava-se importante. Desde todo o tempo que me preparei mentalmente para fazê-lo, a todas as sensações misturadas que ia sentindo durante a conversa, sobre a roupa que eu usei no dia, o primeiro vestido que eu usei na cidade de Pirenópolis, a ver as reações positivas-negativas-medo e enfim tudo misturado que a minha família ia reagindo durante minha fala. Me mantive firme, preparei tudo o que eu ia falar com carinho e poder para ali conseguir afirmar minha identidade e me fazer viva.

Nesse movimento percebi que tinha realizado o fechamento de um ciclo e uma abrição de outros. Percebi que assim tinha realizado a maior PERFORMANCE da minha vida. Nessa vivência tentarei colocar mais reflexões sobre performance-teatro-vida.

PALAVRAS CHAVE: PERFORMANCE-VIDA- HÍBRIDISMO



Imagem 10.

Foto do dia em que fui até a casa da minha avó Nélia para conversar sobre minha identidade de gênero. Nesse mesmo dia eu pedi para que ela refurasse minhas orelhas. Quando ela pergunta: então você quer ser mulher para sempre, o resto da sua vida? E eu respondo: Sim, mais ou menos isso.

Fotografia: João Stoppa

Sigo a partir da estrada que caminhei pensando nas relações arte-vida, e agora mais propriamente pensando a linguagem da performance e suas hibridizações. Nesse movimento fica muito difícil de dizer o que é o quê, aos olhos de quem? Nenhum pensamento enquanto parede, e sim enquanto horizonte mais e mais além. Trago como bagagem para pensar *performance como linguagem* o texto do Renato Cohen a partir dessas reflexões.

Tomando como ponto de estudo a expressão artística performance, como uma arte de fronteira, no seu contínuo movimento de ruptura com o que pode ser denominado "arte-estabelecida", a performance acaba penetrando por caminhos e situações antes não valorizadas como arte. Da mesma forma, acaba tocando nos tênues limites que separam vida e arte. (COHEN, 2002, p. 38)

Nesse caminhar pensando performance, enquanto linguagem etc.... e mais propriamente escrevendo sobre performance, me sinto no horizonte onde o buraco é mais em baixo, ou em cima, etc... Me sinto fuleiramente¹⁸ descompassada, mas livre, sigo me amando, penso em mim e nas minhas amigas, borrando fronteiras, minha narrativa me salva, nem sempre, escrevo para mostrar que estou viva, etc...

Si el lector detecta algunas contradicciones conceptuales e inconsistencias en mi escritura (especialmente en el uso del peligroso pronombre "nosotros", o en la ubicación caprichosa de alguna frontera), le ruego me perdone: soy un vato contradictorio, como lo son la mayoría de los performers que conozco. (GÓMEZ-PENÑA, 2005, p.201)

Trago agora algumas considerações sobre o que seria nessa monografia um dos principais eixos da pesquisa, enquanto linguagem desenvolvida e usada como referência aqui e enquanto vivência e prática, que é a *performance*. De certa forma, agora, meio que minimamente trago comigo alguns textos que me aproximam no olhar o no conhecimento voltado para a história da performance, como uma pincelada geral puxando alguns eixos para achar pares, como luz no fim do túnel, poderíamos conversar horas, etc... Trarei trechos de dois livros que me auxiliaram nesse caminho enquanto encontro. Trago trechos de dois livros de autores da temática como forma de objetivar meus pensamentos em relação

¹⁸ Discorrerei sobre a noção de "fuleragem", cunhada por Bia Medeiros e o grupo *Corpos Informáticos*, adiante.

à história da arte da performance. O primeiro é Renato Cohen. Segundo o autor/performer:

A observação do fenômeno artístico performance considerada a partir da experimentação prática — tanto no exterior quanto no Brasil — e de uma confrontação com outras linguagens estéticas do século XX nos conduz a duas conclusões importantes: Primeiro, que tanto pelas suas características de linguagem. — uso de collage como estrutura, predomínio da imagem sobre a palavra, fusão de mídias etc. — quanto pelas suas premissas ideológicas — liberdade estética, arte de combate etc. — a performance não pode ser considerada como uma expressão isolada e, sim, como uma manifestação dentro de um movimento maior que à falta de um nome mais consagrado estamos chamando de live art. Dessa forma a performance é o elo contemporâneo de uma corrente de expressões estético-filosóficas do século XX da qual fazem parte as seratas futuristas, os manifestos e cabarets dada, o teatro-escândalo surrealista e o happening.

A performance é, portanto, a expressão dos anos 1970/ 1980, estabelecendo, apesar da confusão no Brasil, uma clara distinção com o happening, havendo em relação a este um aumento de esteticidade obtida através do aumento de controle sobre a produção e a criação — em detrimento de espontaneidade e um aumento de individualismo — com maior valorização do ego do artista criador — em detrimento do coletivo e do social, privilegiados no happening. (COHEN, 2002, p. 38)

A outra autora é a performer Maria Beatriz de Medeiros, que também foi professora da UnB. Abaixo trago uma citação dela no livro *Aisthesis*:

Podemos situar o aparecimento da arte da performance como linguagem artística multidisciplinar, no início do século, no Futurismo e no Dadaísmo. Essa tinha como eixo as artes plásticas e a poesia(...) Nos anos 40, podemos situar, na fronteira da performance, Jackson Pollock, que necessitava de todo seu corpo, em uma quase dança, para pintar seus quadros(...) Denominando-se *happening*, *body art*, ou *art corporel*, encontramos a performance intensa e muitas vezes com o caráter de protesto, de 1960 a 1975(...) A linguagem artística performance, pode envolver elementos estéticos novos, modifica o conceito de arte e redimensiona não só as artes plásticas, mas também o teatro. (MEDEIROS, 2005, p. 127, 128 e 129)

É importante entender, mesmo que por essas pinceladas, um pouco da história e de onde surge a performance enquanto linguagem. A performance surge então num movimento entre linguagens. Criando a partir do que antes eram meio que fronteiras estabelecidas. A performance se cria como potência

de hibridização das linguagens mexendo e transformando a história da arte a partir daí.

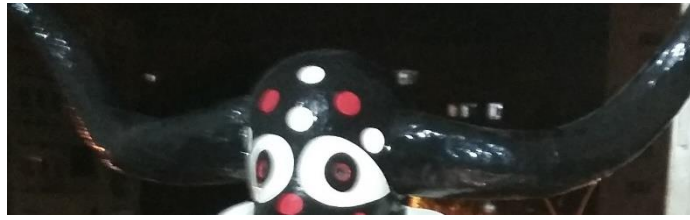
E agora nesse movimento translado, trasladado, pego carona e continuo a nadar. Depois de refletir um pouco historicamente sigo trazendo pinceladas conceituais que me auxiliam no percurso nessa viagem. Considero a performance dentro de uma impossibilidade de codificação, ma sigo trazendo esses conceitos para, de certa forma, nos ajudar a identificar e codificar a performance como linguagem, mesmo que como oceano, etc...

A performance surge borrando as fronteiras entre as artes, multiplicando, multidisciplinarizando as possibilidades de expressão a partir do corpo da(o) artista como objeto de arte. Citarei agora um trecho do texto de Maria Beatriz Medeiros, ainda no seu livro *Aisthesis* sobre alguns desses elementos estéticos introduzidos pela performance:

- O corpo do artista como objeto de arte;
- O tempo como elemento de linguagem;
- A efemeridade da obra-ação;
- A participação do público- participação não só intelectual e emocional, mas também física;
- A multidisciplinaridade na arte.

(MEDEIROS, 2005, p.129)

A performance como possibilidade. Performance como linguagem que borra fronteiras e cria o novo, o desejado. Cria a partir dos desejos de um corpo em comunicação com o mundo e o mundo é cheio de possibilidades.



PERFORMANCE PERFORMANCY

PERFORMANC\$\$

PERFORMANCIS PERFORMANSISTERS

PERFORMATRIZES

PERFORMANTRA PERFORM-ANTA

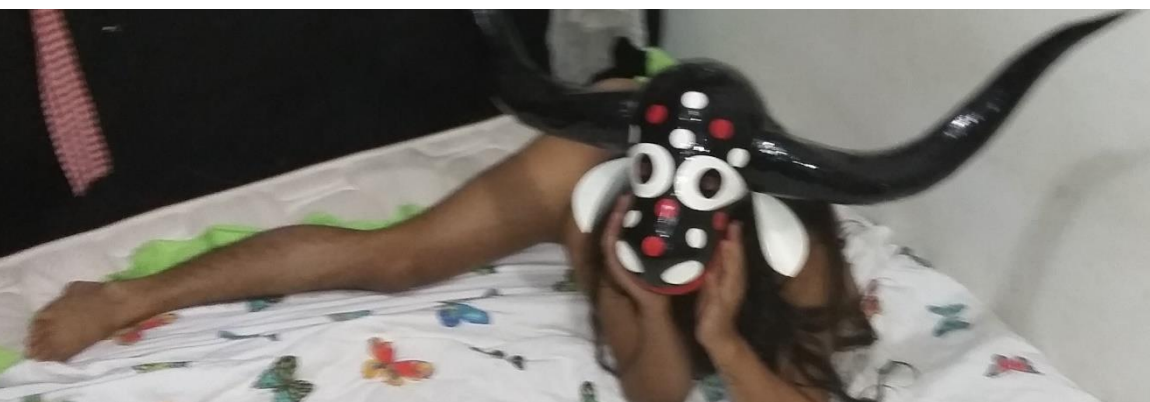
PERFORMOSA

PERFORMATIVA PERFORPASSIVA

PERFORMATRANS

PERFORMANCES PERFORMA-ME

PERFODA-SE



Imagens/montagem 11

3.3- PERFORMANCE ENQUANTO POTÊNCIA COMBATIVA. O MUNDO ENQUANTO PERFORMAN-CIS EU PERFOUDA-SE. GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. TEORIAS QUEER, CUIR, KUIR, ETC.

É importante pensar a performance enquanto intervenção modificadora. Trago comigo esse trecho para orientar uma reflexão que prosseguirá refletida sobre essas questões num sentido mais amplo. Pensando que a performance é uma arte que borra fronteiras e limites, que apresenta todas essas questões relacionadas a contracultura numa perspectiva de proposta de fruição num espaço que condiciona, pensando em inserção no sistema mesmo. Para me ajudar a visualizar essa proposta de performance enquanto reação, trago mais um trecho de Renato Cohen quando ele fala dessa performance enquanto contracultura e a performance sendo ideologicamente ligada à não arte.

O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema. Os praticantes da performance, numa linha direta com os artistas da contracultura, fazem parte de um último reduto que Susan Sontag chama de "heróis da vontade radical", pessoas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam, à custa de suas vidas pessoais, uma arte de transcendência. Ao trilhar o caminho do princípio do prazer, a performance resgata as ideias de uma prática da arte pela arte. Ou seja, a arte não se submetendo a ditames externos(...)

A performance trabalha ritualmente as questões existenciais básicas utilizando, para isso, recursos que vão desde o Teatro da Crueldade até elaborados truques signícos. A apresentação de uma performance muitas vezes causa choque na plateia (acostumada aos clichês e à previsibilidade do teatro). A performance é basicamente uma arte de intervenção, modificadora, que visa causar uma transformação no receptor. (...) A performance está ideologicamente ligada à não-arte. (COHEN, 2002, p. 45-46)

Nesse sentido volto minha narrativa para a relação da performance com a possibilidade de instrumento para a desconstrução de um universo, em relação a identidades de gênero e sexualidade, binário. Como possibilidade de novas propostas borrando essas fronteiras e como possibilidade de visibilidade desses indivíduos ou grupos que não compactuam com essa relação criada e imposta sobre a identidade desses corpos/indivíduos/coletivo, possibilidade gerada quando potencializamos esses corpos.

Então estaremos voltadas para uma ideia de performance de gênero, transformada em linguagem por uma ideia de performances Queer, performances CUir, Kuir, etc.... Ou seja, performance que vão por uma linha de pensamento que repensa as normas sociais a respeito de identidades gênero e sexualidades divergentes desse imposto.

GÊNERO: UMA CONTRUÇÃO SOCIAL

Entendo que questões relacionadas a identidades de gênero e sexualidades se referem muito a uma construção social engendrada de um tamanho que não cabe minha revolta. Estamos condicionadas a uma construção social que busca, no óbvio/genérico a ideia simplista de que genitália define identidade de gênero. Já percebemos que falar só de mulher e homem é muito pouco. Como falar que só existe o dia e a noite enquanto binários, temos que nos lembrar do amanhecer, do anoitecer e em outras escalas ainda de possível descoberta.

Vivemos numa sociedade que ao nascer, a criança é avaliada de acordo com sua genitália e daí determinam um “gênero”. Se o recém-nascido possui um pênis, lhe atribuem o gênero masculino, e se possui uma vagina, lhe atribuem o gênero feminino. Mesmo quando pensamos pessoas intersexo (termo comumente usado para designar uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino), essa medida gera um determinismo “biologizante” que atribui características de personalidade a indivíduos a partir de seus corpos, partindo do pressuposto que essa medida é natural e inerente ao ser humano.

Segundo essa linha de pensamento, o gênero não é, senão, uma construção social que é construída desde antes do parto. Ao dizer que um recém-nascido “é um menino” não está constatando um fato, mas sim determinando uma norma social para a criança. Não sendo uma característica própria do indivíduo, Judith Butler defende a ideia de que somos forçados por uma “ordem compulsória” a reproduzir uma “performance de gênero”, como

se estivéssemos sempre representando a masculinidade para ser chamado de homem ou a feminilidade para ser chamada de mulher. Trarei agora um trecho do livro “Problemas de Gênero” para criarmos acervo de pensamentos que ajudaram e ajudarão a construir essa liberdade e amplidão na hora de pensar essas questões.

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; Tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor. (BUTLER, 2003, p. 37)

AS TEORIAS QUEER, CUIR, KUIR, ETC...

A teoria Queer movimenta e redireciona os estudos acerca de gênero e sexualidade. Para entender e contextualizar o pensamento Queer, é necessário entender suas origens nos movimentos LGBT. Os estudos a respeito das identidades que rompem com os padrões cis e heteronormativos ainda são recentes e caminham junto com as necessidades de grupos políticos de “minorias sexuais”. Nos anos 1960, um importante marco catalisa as organizações políticas do grupo, a chamada revolta de Stonewall, importante bar de Nova Iorque destinado ao público de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans, que frequentemente era assaltado por policiais. No dia 28 de julho de 1969, os clientes do bar se unem para enfrentar o autoritarismo do qual eram vítimas. O conflito dá início aos movimentos de orgulho gay, chamados hoje, de orgulho LGBT. As ideias da Teoria Queer opõem-se à identificação dos indivíduos em um determinado grupo. No que diz respeito ao gênero, romper com a necessidade de identificar-se como homem ou mulher assegura a possibilidade de que cada uma(um) pense mais diversamente essas normas rígidas e binárias que regulam e materializam o masculino e o feminino. O Queer seria uma possibilidade que propõe uma liberdade dessas normas, permitindo ao indivíduo a viagem de qualquer tipo de experiência relacionado a isso.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” que aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (BUTLER, 2003, p.24)

E ainda sobre teoria Queer, mas agora olhada traduzida para outra realidade, traduzida pelo olhar de Hija de Perra, pensando a luta queer e suas relações sociais.

Santa Butler propõe desnaturalizar a hetero-realidade, na qual sua prática sexual normativa se transforma em um regime de poder que atua em todas as relações sociais: a economia, a lógica jurídica, os discursos públicos, as formas cotidianas, etc. A luta queer não quer conseguir somente a tolerância ou o status igualitários, mas quer desafiar as instituições e as formas de entender o mundo. A teoria queer trata de compreender distintos modos de desejo sexual e como a cultura os define. (PERRA, 2014, p. 7)

E ainda sobre sua multiplicação, a teoria CUir que vem trazer uma perspectiva mais brasileira e afiada a partir de uma vivência diferenciada enquanto cultura específica. Trarei um trecho de Larissa Pelúcio sobre a teoria CU e suas ressignificações e contribuições.

Diferentemente do que se passou nos Estados Unidos, os estudos queer entraram no Brasil pela porta das universidades e não como expressão política vinda do movimento social. Evidentemente, esse percurso tem a ver com questões históricas, políticas e culturais que singularizam os saberes localmente. Estas marcas precisam ser apresentadas, uma vez que muito mais do que propor uma vertente teórica nacional específica, nomeada de “teoria cu”, (...) é justamente problematizar as formas como temos localmente absorvido, discutido e ressignificado as contribuições de teóricas e teóricos queer. (PELÚCIO, 2014, p.24 e 25)

É importante caminhar junto com essas narrativas que vão se criando a partir dessas teorias. Essas teorias normalmente frutos de pesquisa acadêmica somadas a uma prática, quando observado e atenta às mudanças e novas compreensões, enquanto movimento. Eu hoje, penso tudo isso misturado como possibilidade de criação. Estou lançada num universo de não conformidade e nesse movimento vou borrando fronteiras e criando novos espaços na minha

relação com minha identidade de gênero e sexualidade e com meu trabalho artístico na performance/arte.

Ou seja... já que o mundo sou eu, já que o vejo/sinto/sou dessa forma só me cabe viver e aos poucos entender e também deixar de entender o poder disso tudo. Só me resta estar pronta. Preciso estar A(r)MADA. Sigo me amando dia após dia, mas o mundo não está fácil, parece que não foi planejado para mim, a gente faz o que pode. Nesse contexto de extrema violência social, falo de violência pensando na amplitude de significados ao que foi atribuído. A dor é de cada uma. Eu sinto uma dor ancestral que me sangra. Num mundo onde homens querem prevalecer, eu TRANS tornarei, trago comigo a poética do caos e do agridoce. Mais amor por favor e gratidão sim. Mas quando necessário é matar ou morrer. Me negam o acesso à rua, à cidade, me negam acesso ao mercado de trabalho, sou fetichizada, mas enfim... sou muito mais que isso. Sou Potência, sou estrela, oceano, etc... Agora para me ajudar nessa composição/narrativa político/afetiva trago para somar, multiplicar, a amiga não binária, Jota Mombaça, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado.

E com sangue nos olhos enquanto visualizador dessas questões trago esse texto que é faca afiada:

A premissa básica desta proposta é a de que a violência é socialmente distribuída, que não há nada de anômalo no modo como ela intervém na sociedade. É tudo parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização, orientada por princípios de diferenciação racistas, sexistas, classistas, cissupremacistas e heteronormativos, para dizer o mínimo. Redistribuir a violência, nesse contexto, é um gesto de confronto, mas também de autocuidado. Não tem nada a ver com declarar uma guerra. Trata-se de afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada a nossa revelia, uma guerra estruturante da paz deste mundo, e feita contra nós. Afinal, essas cartografias necropolíticas do terror nas quais somos capturadas são a condição mesma da segurança (privada, social e ontológica) da ínfima parcela de pessoas com status plenamente humano do mundo. (MOMBAÇA, 2016, p. 10)

Depois de muito contemplada com as questões que Jota Mombaça me ajuda a observar, percebo essas questões se misturando e quando se mostram me ajudam a verificar de onde vem minha revolta. Mais uma vez venho dizer que trago comigo o poder de TRANSformação, num movimento de extrema paixão e criatividade sou confrontada numa guerra sistémica viciadamente “normal”. Nesse processo de normas impostas, como já disse, TRANStorno, e nesse sentido bem reativa, queimando igrejas internas, acendendo chama no coração para manter-me viva, banhando-me em águas calmas para não enlouquecer e não entregar o que eles querem, sigo potente. Sou estrela, oceano, etc....

3.4- MINHAS PERFORMANCES

E agora como forma de propor um material híbrido de composição, linguagem e narrativa proponho uma relação com minha prática artística mais íntima: a performance-vida. Peço licença para contribuir com quatro de minhas ações performativas que relacionam todas essas questões. Trago comigo desejo de transformação. A partir de minhas referências sigo minha trajetória, enquanto errante, enquanto diferente, enquanto louca e bruxa vou ressignificando minhas cicatrizes enquanto não compactuante com a norma sistêmica que quer me definir. Sigo em busca de possibilidades, se antes era outra, agora sou outra e amanhã serei outra. Mergulho em oceanos de possibilidade ainda mais profundos. Sigo fuleira e chique. Sou vingativa. Busco sofisticação sem perder o que existe de mais ridículo. Rir e chorar também se torna binário, estarei sempre entre, entre a compreensão, questionando, e redimensionando, reestruturando, repensando e agindo. Penso que está na ação, na materialização desses desejos, transformá-los em linguagem. A arte foi o que escolhi para essa transformação poética, estética e política. Sigo descompassada, atribulada, TRANStornada. Já me chamaram de florzinha, já me chamaram de frutinha, de baitola, traveco, puta, e eu sou tudo isso, mas acima de tudo sou reativa e potente.

Trago minhas performances intituladas:

1- *Todo dia é dia de ser latina*. 2014/2016

2- *Travesty e poesia*. 2017

3- *Tita: Travesti Pirenopolinda em Processos de reatradicionalização: sagrada e profana*. 2017

4- *Michel Temer não me representa*. 2016

1-*Todo dia é dia de ser Latina:*

Performance realizada em 2014 no birutas(E)vento, organizado pelo grupo Corpos Informáticos. Em 2016 na programação do 60º Cometa Cenas. Ainda em 2016 no SESC GARAGEM compondo na programação do evento *ocupação: o centro como um todo*. E também em 2016 na programação do Encontro nacional de estudantes de artes ENEARTE, em Brasília 2016.

Fotografias: Nathália Azoubel

Materiais utilizados: 1 microfone, um projetor, um ventilador. Variando a partir das necessidades.

Essa performance é uma experiência/pesquisa que acontece pelo encontro, pela troca de memórias e sensações coletivas. Performance de aproveitamento do clima, das cores, dos sons, dos sabores e das histórias que me fazem deliciar minhas raízes Latino americanas. Através de depoimentos pessoais sobre a minha trajetória a partir do meu nascimento e criação no interior de Goiás e sobre outras viagens sobre o calor e a seca de ser Brasileira. Sobre minha relação com a igreja e minhas histórias de como a abandonei. De onde você veio e para onde você vai? Me perguntaram certa vez. Ainda estou pensando a resposta. Mas essa performance surge como meio de entender um país que vive uma falsa democracia e uma falsa “perfeita miscigenação”. Essa performance é entender o povo latino Americano como um povo que resiste, e nós fazemos parte dessa história que merece ser vingada. América latina é uma colcha de retalhos. América latina é cheia de cicatrizes. Em tempos de golpe no nosso país, quando percebemos que mais uma vez estamos sendo feitos de marionete e sendo colocados em caixas para sermos vendidos em feiras de extermínio, “onde o rico cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre”¹⁹, resistiremos sempre.

Essa performance se estabelece política porque através da simplicidade mostrar essas cicatrizes e como elas se confundem com carnaval, futebol,

¹⁹ Trecho da música *Xibom bombom*, da banda *As meninas*. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6QKk5gU-CDI>>.

sertanejo, carimbó, etc... Onde eu, performer, me coloco, meu corpo se coloca. Diz oi. Se apresenta. Eu, um corpo trans, que transpiro feminino, completamente “miscigenado”, não branco, por outros pardo, mostro minhas confusões de pertencimento, abro minhas vísceras, e compartilhando, as transformo. Decolonizar os afetos e as relações cotidianas. Não é exatamente uma coisa fácil, mas o importante é se conscientizar.

A performance se constrói a partir de um mix de depoimentos pessoais, histórias, lendas contadas num processo de mistura de memórias. É personalizado porque é minha vida aberta. Enquanto pomos a conversa em dia, eu-performer e o público-performer. Uma reflexão de como a minha história se relaciona com sua enquanto identidade coletiva de um povo. Como entender as dinâmicas de um povo que respira ares de repressão que ainda é fruto de um pensamento colonizador.



Imagem 12.



Imagem 13.



Imagem 14.

2-Travesty e poesia²⁰:

Realizada no festival de performance: NÃO PODY. 2017.Guará, DF

Fotografias: Nathália Azoubel

Materiais utilizados: roupas brancas para exageradamente e toscamente criar um vestido de noiva, salto alto, bicicleta, latas, garrafas e barbante.

Essa performance foi realizada num evento autoproduzido e gerado a partir das vivências e das necessidades de três amigas performers de movimentar o cenário da performance, experimentando outros lugares físicos e conceituais. Numa falta de oportunidades, criamos nossa própria experiência a partir da negação (não pody) e do conceito de fuleragem juntamente com o coletivo/casa CASTELO ROSA, numa perspectiva de contribuir com a casa e com a comunidade/bairro. O evento aconteceu no Guará II numa perspectiva bem brincante enquanto caráter de experimentação buscando potenciais emdiversas linguagens, trazendo para o ambiente de uma casa, ressignificando esse espaço, etc... Estavam nessa proposta inseridas as amigas Jajá Rolim, Fer wurmbauer, madame yuri, entre outras.

Nesse evento experimentamos em vários sentidos. Todas cumprimos várias funções relacionados a limpeza/manutenção da casa, no suporte técnico para outros artistas, no financeiro e no artístico, pensando também no pré evento e pós evento. Eu participei de todas as etapas experimentando o corpo instaurado no aqui e agora, pronta e real. No dia eu também trabalhei no bar/restaurante produzindo e vendendo comidas e bebidas para financiar minimamente o evento. Essa foi uma performance duracional, já que durou o dia todo e que ficamos imersas nessa situação por bastante tempo. Ou seja, mescliei com tudo o que eu tinha que fazer enquanto demanda durante o dia, mas meu pensamento voltado para essa temática: *Travesty e poesia*, por mais abstrato que essa ideia seja.

²⁰ Link do vídeo/registo da performance: <https://www.youtube.com/watch?v=4qx CtLtgSUs>

Mas em determinado momento, como preparado e inserido na desprogramação enquanto horário eu construí uma ação/imagem/composição urbana que se formava assim...Uma travesti, pessoa trans, mostra, com a maquiagem barata bem marcada, rebocada, vestida de noiva, de salto alto, monta seu próprio casamento, com direito a vestido branco, véu e grinalda, fuleira e fina. Amarra umas latas e garrafas que fazem barulho na bicicleta e sai pelo bairro dando voltas e voltas na busca de uma eterna felicidade, etc... Mas a perguntas que não querem calar: Mas com quem ela vai casar? Isso é homem ou mulher? Quem que vai querer casar com ela? Nenhuma resposta, apenas risos.



Imagem 15.



Imagem 16

3-Tita: Travesti Pirenopolinda em Processos de reatradicionalização: SAGRADA E PROFANA.

Performance realizada como programação do evento ACASAS, que tem como plataforma de apresentações artísticas em casas, desde 2012 investigando as possibilidades artísticas no cotidiano espaço de uma casa.

Fotografias: Sílvia Patrícia

Duração da Proposta: 20 minutos

Vídeoarte criado para a performance:

<https://www.youtube.com/watch?v=sE0M3Da3sig&t=35s>

Materiais utilizados: projetor, cama, chuveiro, armário, roupas, cerveja, cachaça, cigarro, iluminação.

“Olá, sou Tita Mélo, em Pirenópolis ainda me conhecem com nomes antigos, quase ninguém me conhece de verdade. Acham que sou manga enquanto sou Tamarindo. Na verdade, sou uma piranha romântica enquanto minha mãe e minhas amigas também são. Quero ser assim e ser assada. Mas levarei flores na sua igreja aos domingos apesar de você ter queimado a minha. Ano que vêm serei eterna. Ano que vem não estarei mais mascarada. Já ansiosa pela festa do Divino.”

A performance acontece num quarto finalizando em um banheiro. 20 minutos acompanhando a trajetória da Bicha-Travesti Pirenopolinda que agora reside em Brasília. Uma espécie de procissão performativa onde a performer/atriz quase não sai do lugar, tipo contação de histórias com apresentação de imagens projetadas²¹. Memórias lançadas apresentando as questões complexas desse corpo. Um corpo travesti empoderado e guerrilheiro, mas também frágil, quebradiço e cansado. Tenho meu corpo banhado e batizado pelo Rio das Almas, sou filha de nossa senhora do Rosário dos Pretos. Fui

²¹ Vídeo arte criado para a performance:

<https://www.youtube.com/watch?v=sE0M3Da3sig&t=35s>

entendendo a história mal contada da minha cidade pelas esquinas, contadas pelos bêbados do coreto. Logo na infância minha família me fez cristã, na época ainda podia-se dizer CRISTÃO, mas me fez. Me fez obsessiva por esperar a festa do Divino Espírito Santo, tudo ainda vai e vem em comemorações sagradas e profanas. Essa performance é a respeito dentro de um todo e de todas as diversas possibilidades, sobre minha experiência enquanto goiana, enquanto mulher empoderada voltando à Goiânia, a capital do estado. Performance autobiográfica, de trajetória, de beira de estrada. Uma conversa quebrando as quartas ou quintas paredes. Essa experiência performativa-cênica-visual é sobre o encontro. Peço licença para contar um pouco das minhas obsessões e enfim, daqui a seis meses no máximo serei a maior atriz do Brasil.



Imagem 17.



Imagem 18.



Imagem 19.

4- Michel Temer Não me representa:

Ocupadrag no Ocupa Minc DF. 2016. Brasília.

Fotos: Mídia ninja DF

Materiais utilizados: Corpo, maquiagem e figurino para montagem²², coletivo.



Imagem 20.

Essa performance foi realizada no intuito de empoderar e visibilizar o movimento lgbt dentro e fora da ocupação ocupa MinC DF. Nos encontramos a partir dessa temática para debater e criar ações que pudessem desabrochar nossas questões. A partir de uma troca onde aprendemos umas com as outras a partir do que nos aproxima enquanto corpos divergentes. Criamos então o ocupa drag. Na intenção de a partir da linguagem da drag ampliar seus sentidos e levar para uma perspectiva de transformação política, de dentro para fora e de fora para dentro. A participação era livre e quem se identificasse com as questões colocadas podia colar junto. A intenção era agregar. Fizemos várias ações relacionadas a oficinas, conversas, gaymada, atos, etc...

²² Termo comumente usado por drag queens e outas, para se referir ao processo de se vestir em drag, de “montar” o personagem/figura/persona.

Mas teve um dia que depois de nos montarmos criamos uma espécie de esqueleto performativo para nos auxiliar, e com nossos acervos enquanto artistas ativistas saímos lançando nossas questões como granadas de poesia, humor e choque. Saímos pela torre de tv e pelos arredores do teatro da Funarte contaminando com nossa estética e nossos delírios, e esses lugares estavam cheios de gente que reagiam de diversas formas. A reação que mais me marcou foi quando durante a performance, uma mãe que aguardava com seu filho na fila para subir na torre de tv, quando nos aproximamos deles ela reage tapando os olhos da criança, no momento eu fui invadida de delicadeza e agressividade e no impulso respondi: “deixai que veja, eu sou real eu existo, não tenha medo de mim”.

No mesmo dia fizemos um vídeo e postamos pelo Facebook da mídia ninja DF²³, atingindo bastante repercussão na internet, visibilizando e lançando para o mundo nossa revolta cantando: "Michel Temer não me representa, Bolsonaro não me representa. Vai desafiar, não tô entendendo, mexeu com a cultura você vai sair perdendo". Até o próprio Jair Bolsonaro compartilhou o vídeo de forma irônica na sua página.



²³ link do vídeo/registo: <https://www.facebook.com/ocupamincdf/videos/1628785020776530/>

Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23

(IN)CONCLUSÕES. SONHOS. VIDA QUE SEGUE

Nada se conclui, tudo se cria, vida que segue. Continuo falando numa perspectiva de oceano, horizonte mais e mais além.

Concluo apenas, que eu, enquanto ser errante, desviante, dissonante etc... corro atrás do que eu quero. E quando me percebo enquanto potência ninguém me segura. Minha maior performance é estar viva. E nesse sentido o que posso concluir também é que existo para contrariar o sistema ou C/S-tema, etc... Não serei mais estatística, etc... Se me querem morta, permaneço viva. Continuo gerando material criativo de uma forma híbrida para sobreviver e gerar minha obra antes que seja tarde demais.

Durante essa escrita também fui achando meus lugares de amor, minha narrativa me conduz e me lava, me livra, me love me. Nela consigo canalizar e transformar minhas cicatrizes. Agradeço às companhias que me ajudam a gerar pensamento crítico/político/estético/poético, etc...

No caminho da narrativa, de um jeito visceralmente misturados, meu pensamento se misturou e borrando fronteiras me perdi para me achar. Como na minha vida, esse é um texto/manifesto que borra fronteiras e como colcha de retalhos vai criando e gerando a partir da transformação de símbolos, re-pensando, re-mastigando, etc... Onde não sei mais se é texto, se é corpo, se vida, se é arte. Sendo que eu já sei que tenho em mim milhões de universos e que neles tudo pode.

-“Calma que o Brasil é nosso!”, Sempre dizia minha avó Irani. Sobrevivo a golpes diários. Mas sigo potente. Finalizo minha narrativa como sonhadora que sou, pensando com coisa boa. Mais uma vez, enquanto desfazedora de nós, enquanto geradora de universos melhores, etc...

Meu único objetivo nessa narrativa é achar parceiras de crime, colegas de assalto, formar bondes, multidões manadas, etc... Conversar com amigas e acima de tudo aprender comigo mesma. Mas na intenção de compartilhar minha poesia enquanto reação à violência. Compartilhar meus universos para encontrar outros. Trago comigo apenas desejos que me invadem e me tomam e eu a partir daí, escrevo.

Essa monografia me ajuda a encerrar um ciclo. Friso a importância disso para mim e enquanto quem contraria as estatísticas. Penso na importância de pessoas trans ocuparem espaços públicos em geral. A universidade foi para mim um portal de descobertas onde eu gerei muito material que hoje sigo manipulando.

Nessa trajetória me engulo e me vomito para tentar me entender. É importante que eu aprenda a me amar cada vez mais porque senão sou engolida.

Um salve para toda produção marginal e mais uma vez, desejando muito axé a todes que resistem enquanto corpo jogado nesse mundo doido, doído e delicioso. Sigo potente. E enquanto Puta Híbrida, TRANS-tornada, TRANS-figurada, TRANS-formada, eu penso: Queima quangaral!

Sigo linda.



Imagem 24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAROL, Mc. **Música: Não Foi Cabral**. Rio de Janeiro: Niterói Records, 2015. (3 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hfkkeo-Vmc8>>. Acesso em: 10 out. 2017.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem—Criação de um tempo-Espaço de Experimentação**. Editora Perspectiva. SP, 2002.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Homossexualidade indígena no Brasil: Um roteiro histórico-bibliográfico**. Acento. Vol. 3, 2016.

GALEANO, Eduardo. **Convite ao Vôo**. 2001. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/galeano/galeano_voo.html>. Acesso em: 02 maio 2018.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo; **En defensa del arte del performance**. Horizontes Antropológicos: Porto Alegre, 2005.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo; TRAMPOSCH, Emma. **Trabalhos úteis para artistas utópicos**. Série: Ativismo Imaginário, 2016.

LUSTOSA, Tertuliana. **Manifesto traveco-terrorista**. Concinnitas; ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016

LUZ, Rosa. **Pt. 1 Rosa Maria Codinome Rosa Luz: [Prod. Dubobeats]**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AkJaNxbvrsY>>. Acesso em: 07 mar. 2018.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. AQUINO, Fernando. **Corpos Informáticos: Performance, corpo, política**. Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis: estética, educação e comunidade**. Argos editora universitária. 2005.

MENDONÇA, Marília. **Amante não tem lar**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OT7PpQEz7rc>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MENINAS, As. **Xibom bombom**. 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6QKk5gU-CDI>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016

NÓBREGA, Carolina. **Traumatizar a tradição.** Liminaridade, São Paulo, v. 1, p.92-101, 2015. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/1358996-LIMINARIDADE/>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

PELÚCIO, Larissa. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?** Revista Periódicus: Salvador, 2014

PERRA, Hija de. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma.** Salvador: Revista Periódicus, 2ª edição, novembro 2014 - abril 2015.

RIHANNA. **Bitch better have my money.** 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qHkpGJcB0HU>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SCHOCK, Suzy; MARTINEZ, Isabel. **Reivindico o meu direito a ser um monstro.** 2016. Disponível em: <<https://vaginamente.wordpress.com/2016/10/18/reivindico-o-meu-direito-a-ser-um-monstro/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

SOARES, Elza. **O que se cala.** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ>. Acesso em: 25 fev. 2018.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pósgraduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

XUXU, Mc. **Um beijo.** 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TZbyVY9sIRo>>. Acesso em: 27 fev. 2018.